

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

BÁRBARA DA CUNHA NIEDERMEYER

**O CHORO DA PRINCESA CHARLOTTE:**  
as representações do luto infantil pelo jornalismo

Porto Alegre

2024

BÁRBARA DA CUNHA NIEDERMEYER

**O CHORO DA PRINCESA CHARLOTTE:**

as representações do luto infantil pelo jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de  
Biblioteconomia e Comunicação da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul como requisito para a obtenção do  
grau de Bacharela em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Thais Furtado.

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Niedermeyer, Bárbara da Cunha  
O CHORO DA PRINCESA CHARLOTTE: as representações do  
luto infantil pelo jornalismo / Bárbara da Cunha  
Niedermeyer. -- 2024.  
76 f.  
Orientadora: Thais Helena Furtado.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo,  
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Jornalismo. 2. Infância. 3. Luto Infantil. 4.  
Princesa Charlotte. 5. Análise do Discurso. I.  
Furtado, Thais Helena, orient. II. Título.

BÁRBARA DA CUNHA NIEDERMEYER

**O CHORO DA PRINCESA CHARLOTTE:**

as representações do luto infantil pelo jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de  
Biblioteconomia e Comunicação da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul como requisito para a obtenção do  
grau de Bacharela em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Thais Furtado.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thais Helena Furtado - (UFRGS)  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisele Dotto Reginato - (UFRGS)  
Examinadora

---

Prof. Dr. Basílio Alberto Sartor - (UFRGS)  
Examinador

Porto Alegre

2024

*A infância é um chão que pisamos a vida inteira*

*(Lya Luft)*

## AGRADECIMENTOS

Sou e sempre fui uma entusiasta da vida. Do amor e da amizade. Do sorriso no rosto, não importa o que aconteça. No latim, existe uma expressão que traduz um pouco disso, e que gosto muito: *Amor Fati*. Nada mais é do que ter amor ao destino, ou algo como “aceitação entusiástica de tudo que possa vir a acontecer”. Tudo que nos aconteceu precisava acontecer de fato para chegarmos a ser quem somos hoje.

Quem escreveu esse trabalho não foi só a Bárbara que entrou na faculdade há quatro anos, cheia de expectativas. Foi uma garotinha de sete anos que brincava de apresentar o Jornal Nacional em uma bancada. Esse TCC é, sem dúvidas, mais do que para qualquer outra pessoa, para ela, que realizou sonhos maiores até mesmo dos que ela sabia que tinha. E de quebra, na melhor Universidade Federal do Brasil, reconhecida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Além disso, eu dedico esse trabalho à minha mãe, Liane, que foi quem me ensinou a contar com os dedos. Ao meu pai, João, que me ensinou a “contar de cabeça”. E que são as pessoas com quem eu pude e sei que posso contar em todos os passos desse caminho que chamamos de vida.

À minha irmã, Camila, que me ensinou que a divisão nem sempre resulta em uma redução. Às minhas duas avós que me mostram a força da mulher e me inspiram como pessoa e jornalista. À minha madrinha pelo pouso que tornou a jornada muito mais fácil.

Ao Lucas, que nos seus olhos azuis permite que eu encontre o mar mais calmo que eu já naveguei. O nosso amor é a manchete mais lida do meu jornal, todos os dias.

Agradeço também à Thais, uma das minhas maiores inspirações desde que entrei na faculdade e que tenho a honra de ter como orientadora. Obrigada pela gentileza, paciência e carinho nesse processo. É incrível ter como orientadora deste trabalho uma das maiores pesquisadoras do país sobre a relação da infância e jornalismo. Estendo aqui os agradecimentos aos professores Basílio Sartor e Gisele Reginato, que foram essenciais no meu caminho e hoje fazem parte deste fechamento de ciclo.

Em nome de Marcia Benetti, uma verdadeira referência na Análise do Discurso com quem pude aprender tanto na graduação e me proporcionou diversas dicas sobre TCC e apresentação no último semestre, agradeço a todos os meus professores. Vocês são fenomenais.

E como diz o Emicida, quem tem um amigo tem tudo. Agradeço então, também, a Maria Eduarda e ao Lucas Vidal, que não só seguraram minha mão como somaram em todos os semestres. À Mariana, minha primeira amiga lá do começo da faculdade e que passou pelos melhores e piores momentos comigo nas arquibancadas da vida e nas salas da Fabico - principalmente na do NEPTV. À Nalu e Giulia, que me conhecem desde a escola, e mesmo com a distância não saíram do meu lado ao longo desses anos, e que vibram comigo cada conquista, inclusive essa. Aos demais amigos que fiz nessa jornada, não teria sido tão legal sem vocês.

Sou grata por cada um e cada uma nesse processo. Tenho um orgulho imenso da minha trajetória até aqui, construída em uma universidade pública, gratuita e de muita qualidade. Muito obrigada.

## RESUMO

Esta pesquisa busca compreender como se dá a representação do luto infantil no jornalismo brasileiro a partir de notícias e reportagens sobre o choro da princesa Charlotte no funeral de sua bisavó, a Rainha Elizabeth II, falecida em setembro de 2022. Para alcançar o objetivo proposto, foram selecionadas sete matérias veiculadas em cinco portais online brasileiros: Folha de S. Paulo, O Globo, Estadão, Revista Quem (do Grupo Globo) e UOL (do Grupo Folha), que tratavam do luto exposto pela princesa. A partir da metodologia da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, identificou-se que o luto infantil foi representado por quatro diferentes formações discursivas. São elas: A Criança Fragilizada, A Criança Respeitada, A Criança Protegida e A Criança Célebre – sendo este último relacionado especificamente com uma menina que faz parte de uma família notável. Como resultado da pesquisa, é possível afirmar, então, que, nesse caso, o jornalismo representou o luto infantil, principalmente, na forma de uma criança fragilizada, mas também com forte presença da criança célebre e respeitada, com sentidos que se interligam de diferentes formas no discurso.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Infância; Luto Infantil; Princesa Charlotte; Família Real; Análise do Discurso.



## ABSTRACT

This research aims to understand how the representation of childhood grief is portrayed in Brazilian journalism, based on news articles and reports about Princess Charlotte's tears at the funeral of her great-grandmother, Queen Elizabeth II, who passed away in September 2022. To achieve the proposed objective, seven articles published on five Brazilian online portals were selected: Folha de S. Paulo, O Globo, Estadão, Revista Quem (from Grupo Globo), and UOL (from Grupo Folha), all of which addressed the public display of grief by the princess. Utilizing the French school of Discourse Analysis (DA) methodology, it was identified that childhood grief was represented through four different discursive formations: The Fragile Child, The Respected Child, The Protected Child, and The Renowned Child – the latter specifically related to a girl who is part of a notable family. As a result of the research, it is possible to assert that, in this case, journalism predominantly represented childhood grief in the form of a fragile child, but also with a strong presence of the renowned and respected child, with meanings that interconnect in various ways within the discourse.

**Keywords:** Childhood; Childhood Grief; Princess Charlotte; Royal Family; Discourse Analysis.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Corpus empírico da pesquisa.....	48
Tabela 2: Formações Discursivas e seus sentidos.....	51

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Charlotte chorando no velório da bisavó - T5.....	55
Figura 2: Charlotte chorando no velório da bisavó - T6.....	56

## LISTA DE ABREVIações

ABP - Associação Brasileira de Propaganda.

Art - Artigo.

AD - Análise do Discurso.

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.

FD - Formação Discursiva.

FI - Formação Ideológica.

ID - Incidências Discursivas.

II - 2.

IVC - Instituto Verificador de Comunicação.

SD - Sequência Discursiva.

T - Texto.

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso.

TV - Televisão.

UOL - Universo Online.

VIII - 8.

XII - 12.

XV - 15.

XVI - 16.

XVII - 17.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. JORNALISMO E INFÂNCIAS.....</b>	<b>17</b>
2.1 O CONCEITO DE INFÂNCIA.....	17
2.2 REPRESENTAÇÕES DAS INFÂNCIAS NO JORNALISMO.....	19
2.3 ENQUADRAMENTOS DAS INFÂNCIAS.....	29
<b>3. JORNALISMO E MORTE.....</b>	<b>33</b>
3.1 A MORTE COMO VALOR-NOTÍCIA.....	33
3.2 O LUTO NA INFÂNCIA NA VISÃO DO JORNALISMO.....	37
<b>4. METODOLOGIA: ANÁLISE DO DISCURSO.....</b>	<b>43</b>
4.1 INTERDISCURSO E FORMAÇÕES DISCURSIVAS.....	44
4.2 O CORPUS EMPÍRICO.....	45
<b>5. ANÁLISE DO DISCURSO: O LUTO DA PRINCESA.....</b>	<b>50</b>
5.1 FD1: A CRIANÇA FRAGILIZADA.....	52
5.2 FD2: A CRIANÇA RESPEITADA.....	57
5.3 FD3: A CRIANÇA PROTEGIDA.....	61
5.4 FD4: A CRIANÇA CÉLEBRE.....	62
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>71</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Charlotte Elizabeth Diana, também conhecida como Charlotte de Gales, é a segunda filha do príncipe William e de Kate Middleton, e faz parte da família real britânica, mundialmente conhecida. Em maio de 2024, a jovem princesa completou nove anos. E, apesar de ainda ser uma criança, já precisa lidar com a grande responsabilidade de seguir os protocolos da realeza.

No entanto, em setembro de 2022, Charlotte tornou-se manchete de diversos jornais e portais de notícias por um acontecimento aparentemente trivial. A menina emocionou-se com as celebrações do funeral de sua bisavó, a Rainha Elizabeth II, e não conteve as lágrimas. Fotógrafos presentes na cerimônia fizeram imagens da cena, que logo correram o mundo e chegaram aos portais de notícia brasileiros rapidamente.

Diversas matérias que foram publicadas na época traziam a imagem da princesa chorando e sendo consolada por sua mãe, a princesa Kate. O grande número de notícias sobre o assunto e a alta exposição de Charlotte despertam uma reflexão sobre a forma como o jornalismo trata as crianças e também sobre a maneira que o luto exposto por esta parcela da população é representado nas notícias. Foi essa reflexão que deu origem à ideia deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Para Nelson Traquina (2005), a morte é sempre um valor-notícia pela comoção que causa. Ou seja, os acontecimentos que envolvem a morte têm grande probabilidade de serem noticiados. Segundo o autor, “[o]nde há morte, há jornalistas.” Por outro lado, conforme o Art. 6º do Código de Ética dos Jornalistas, inciso VIII, é dever do jornalista respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão.

Pensando na dualidade da notificação da morte e dos direitos de privacidade, principalmente em relação às crianças, surgiu então um primeiro questionamento: por que o choro de uma criança, em uma situação em que é comum se emocionar, vira notícia nos mais diversos jornais? Dessa forma, iniciei uma busca pela delimitação do material a ser estudado organizando o corpus empírico desta pesquisa com notícias e reportagens publicadas em grandes portais brasileiros que falassem sobre a presença e o comportamento da princesa Charlotte no velório de sua bisavó, especialmente no dia 19 de setembro de 2022, data em que a princesa

chorou frente às câmeras.

Considerando o que já se sabia sobre os critérios de noticiabilidade e a relevância do assunto, o passo seguinte foi definir qual seria o foco específico da análise e quais os portais e matérias divulgadas que seriam utilizados. Dessa forma, o **problema de pesquisa** que se tornou guia para a realização deste trabalho ficou definido em: Como o luto infantil é representado em alguns dos sites jornalísticos mais acessados no Brasil com base em notícias sobre a princesa Charlotte durante o funeral da Rainha Elizabeth II?

A escolha desse tema se justifica pela significativa repercussão midiática do luto e da fragilidade da princesa durante o evento, que foi acompanhado e repercutido por veículos de comunicação do mundo inteiro. Desse modo, o **objetivo geral** deste trabalho é compreender como se dá a representação do luto infantil no jornalismo brasileiro a partir de notícias e reportagens sobre o choro da princesa Charlotte no funeral de sua bisavó, a Rainha Elizabeth II. Os **objetivos específicos** são 1) relacionar os conceitos de Jornalismo e Infância, 2) identificar os valores-notícia relacionados ao evento estudado, e 3) identificar as formações discursivas e os sentidos presentes nesses textos.

A temática desta pesquisa é de meu interesse pessoal por diversos motivos. O primeiro, e talvez mais forte deles, é de achar muito interessante a relação das crianças com o jornalismo. Por serem normalmente autênticas e não compartilharem em diversas situações do mesmo olhar de mundo que os adultos, as suas representações no jornalismo sempre me causaram curiosidade. No entanto, as notícias sobre a situação de luto expressa pela princesa me chamaram atenção para um outro lado dessa relação: por que o jornalismo expõe as crianças em momentos de vulnerabilidade? E quais valores-notícia podem ser observados nessas ocasiões?

Em relação à questão social, penso que a temática engloba diferentes áreas importantes para a sociedade. Considero, por exemplo, fundamental falar sobre relações internacionais em cenários globais e também sobre como elas impactam o jornalismo mundialmente, inclusive no Brasil. Além disso, as crianças têm importante papel na sociedade e devem ser vistas como integrantes ativos dela, e não serem escondidas da realidade. Quanto à justificativa epistemológica, este trabalho se justifica devido à pouca produção científica identificada sobre o tema, a

partir da pesquisa de estado da arte. Cabe destacar que tenho consciência de que o luto aqui examinado é o de uma criança célebre, que faz muita diferença na abordagem jornalística, como será visto mais adiante.

No total, este trabalho é constituído de seis capítulos, sendo o primeiro deles a presente introdução. O segundo capítulo traz uma apresentação e um panorama sobre a relação entre o Jornalismo e as Infâncias, viajando pela história dessa relação, desde o surgimento do conceito de infância, das primeiras ideias de Áries (2006), até as análises mais atuais, como as de Buckingham (2007). Também são utilizados pensamentos de autores como Furtado – que orienta esta pesquisa – e Doretto para falar sobre a forma como as crianças são vistas pelos jornalistas e apresentadas ao leitor. São abordados conceitos de enquadramento e representação da infância, bem como a questão de Charlotte ser famosa e ocupar um lugar dentro da família real, constantemente vigiada pela imprensa. Já no terceiro capítulo, o foco passa a ser a relação do jornalismo com a morte e o luto. É de suma importância o pensamento de Traquina (2005) sobre critérios de noticiabilidade, já que, segundo o autor, a morte é sempre um valor-notícia. Também é tratada a questão de como o luto, agora mais especificamente na infância, é visto pelo jornalismo, com abordagens que relacionam também os conceitos à área de psicologia.

No quarto capítulo, apresento a metodologia da Análise do Discurso (AD) de linha francesa. A escolha da AD se deu pelo fato de ela possibilitar o acesso aos sentidos e representações que existem dentro de um texto. Para realização da análise, foram utilizados conceitos, principalmente, de Pêcheux (1995) e Orlandi (2015). No capítulo cinco, realizo a análise propriamente dita, primeiro apresentando o corpus discursivo da pesquisa, tendo o empírico sido apresentado no capítulo anterior. Para a finalização deste trabalho, apresento as considerações finais no sexto e último capítulo. As referências utilizadas se encontram no final do texto.



## 2. JORNALISMO E INFÂNCIAS

Historicamente, a criança já foi estudada a partir de diversos aspectos. Segundo Frota (2007), a palavra infância vem originalmente do latim *infantia*<sup>1</sup>, fazendo referência àquele indivíduo que ainda é incapaz de falar. Para Philippe Ariès (1914-1984), a infância tem um importante papel na sociedade. A partir das pesquisas desse autor, foi inaugurada uma nova perspectiva de estudos sobre as crianças e a infância, e também sobre sua relação com as famílias e a sociedade. Ariès foi o primeiro autor a se aprofundar na noção de infância. Com o tempo, o conceito foi sendo desenvolvido em pesquisas de várias áreas, incluindo o jornalismo.

Neste capítulo, será analisada a relação entre o jornalismo e as crianças na busca de compreender a relação entre esses sujeitos e os fatos noticiosos. Além disso, se objetiva entender como é feita a representação das crianças nas notícias e também refletir sobre a exposição de suas vulnerabilidades. Antes disso, porém, será apresentada uma breve história da infância.

### 2.1 O CONCEITO DE INFÂNCIA

Na obra *História social da criança e da família* (2006), Ariès afirma que as crianças só passaram a ser objeto de preocupação das famílias, bem como a ser valorizadas, no século XVII, em razão do advento da sociedade industrial. No passado, segundo o autor, até por volta do século XII, “a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la” (Ariès, 2006, p. 50).

A descoberta da infância começou, sem dúvida, no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII (Ariès, 2006, p. 65).

Lustig *et al.* (2014) afirmam que o período da infância na Idade Média terminava já aos sete anos, pois, até essa idade, a criança ainda era considerada incapaz de falar. Após essa idade, imediatamente, já se iniciava o que seria uma

---

<sup>1</sup> Segundo Pagni (2010) num estudo etimológico, a palavra infância vem do latim *infantia* e tem sua origem na junção do verbo *fari* (falar) e de sua negação *in*. “O *infans* é aquele que, como diz Gagnebin (1997, p. 87), ainda não adquiriu ‘o meio de expressão próprio de sua espécie: a linguagem articulada’” (Pagni, 2010, p.100).

vida adulta. Ou seja, as crianças passavam a trabalhar e viver como os adultos. Segundo Postman (2011), entre todas as características que diferenciam a Idade Média da Moderna, nada é tão claro e tão chamativo quanto o maior interesse pelas crianças.

Com o passar dos anos, novas concepções sobre a infância e sua relação com a família e com a sociedade em geral foram sendo construídas, abrindo caminho para o que posteriormente seria conhecido como a infância que compreendemos hoje. Segundo Sarmiento (2004), após as crianças não serem mais vistas como parte da classe trabalhadora industrial, elas começaram a receber mais cuidados para seus estímulos e desenvolvimento, se tornando “o núcleo de convergência das relações afetivas no seio familiar” (Sarmiento, 2004, p. 4).

Seguindo a linha de raciocínio da evolução dos estudos sobre a temática, Buckingham (2007) reflete que a forma de a infância ser vista mudou ao longo dos anos e consiste em um estudo de caráter variável. Para o autor, o seu sentido está justamente na oposição a outra expressão mutável conhecida como “idade adulta”.

‘a criança’ não é uma categoria natural ou universal, determinada simplesmente pela biologia. Nem é algo que tenha um sentido fixo, em cujo nome se possa tranquilamente fazer reivindicações. Ao contrário, a infância é variável - histórica, cultural e socialmente variável. As crianças são vistas – e vêem a si mesmas – de formas muito diversas em diferentes períodos históricos, em diferentes culturas e em diferentes grupos sociais. (Buckingham, 2007, p.10).

Para o autor, o conceito de infância estará sempre em mutação. “O significado de ‘infância’ está sujeito a um constante processo de luta e negociação, tanto no discurso público (por exemplo, na mídia, na academia ou nas políticas públicas) como nas relações pessoais, entre colegas e familiares” (Buckingham, 2007, p.10).

Nesse sentido, a maioria dos autores contemporâneos passou a utilizar o termo infâncias, no plural, já que elas mudam com o tempo e com as culturas. Mesmo se considerarmos um só lugar, como o Brasil, é possível dizer que existem várias infâncias, dependendo das condições sociais e do local onde as crianças vivem. Moacyr Scliar, no livro *Um país chamado infância* (1995), trata sobre o impacto das diferenças de classe na infância e os impactos disso também na vida adulta.

Nem todas as crianças, contudo, podem viver no país da Infância. Existem aquelas que, nascidas e criadas nos cinturões de miséria que hoje rodeiam as grandes cidades, descobrem muito cedo que seu chão é o asfalto hostil, onde são caçadas pelos automóveis e onde se iniciam na rotina da criminalidade. Para estas crianças, a Infância é um lugar mítico, que podem apenas imaginar quando olham as vitrines das lojas de brinquedos, quando veem TV ou quando olham passar, nos carros dos pais, os garotos de classe média (Scliar, 1995, p. 07-08).

Lustig *et al.* (2014), a partir do pensamento de Postman (2011), acreditam que o jornalismo teve importante papel no maior delineamento e na disseminação do conceito de infância. Os autores dizem que “o surgimento da imprensa, no século XVI, ao culminar com a alfabetização socializada possibilitou a criação de uma nova definição para a idade adulta que, conseqüentemente, provocou uma ruptura entre o mundo adulto e infantil” (Lustig *et al.*, 2014, p.8). E, com o passar dos anos e com os estudos sobre o tema, também foi mudando a forma como as crianças e a infância como um todo passaram a ser representadas nos veículos jornalísticos.

## 2.2 REPRESENTAÇÕES DAS INFÂNCIAS NO JORNALISMO

Gisele Reginato (2016) define que o jornalismo tem 12 finalidades a serem cumpridas<sup>2</sup>, sendo uma delas a de apresentar a pluralidade da sociedade. No entanto, um público que acaba sempre ficando em “segundo plano” e não recebe uma cobertura tão ampla e diversificada é o das crianças. Segundo Buitoni (2013), a criança ainda está sub-representada na mídia impressa brasileira, por exemplo.

São vários os autores que estudam as representações. Primeiramente, para delimitar o conceito de representação, tomaremos como base os estudos de Erving Goffman. Segundo o autor, a representação é “toda a atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (Goffman, 2006, p. 29). O autor afirma que cada grupo acaba se caracterizando e se mostrando para o restante da sociedade de uma maneira diferente. A forma como esse grupo será representado em um discurso como o do jornalismo depende tanto

---

<sup>2</sup> As 12 finalidades propostas por Reginato (2016) são: informar de modo qualificado; investigar; verificar a veracidade das informações; interpretar e analisar a realidade; fazer a mediação entre os fatos e o leitor; selecionar o que é relevante; registrar a história e construir memória; ajudar a entender o mundo contemporâneo; integrar e mobilizar as pessoas; defender o cidadão; fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade.

da maneira como esse grupo – ou um sujeito – busca se apresentar, quanto da forma como os jornalistas interpretam a “encenação” desse coletivo ou indivíduo.

Para Stuart Hall (2016), a representação é a “produção de significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem” (Hall, 2016, p. 34). Segundo o autor, é justamente essa conexão entre a mente e a linguagem que permite que o jornalista possa se referir ao mundo “real” e também ao imaginário. Nesta pesquisa, é esta abordagem de Hall que levaremos em conta no momento da análise.

Já segundo os estudos de Rothberg (2014), a representação no jornalismo traz consigo uma carga de ações do repórter que influenciam diretamente no resultado daquilo que é noticiado e recebido pelo público.

Representar não é apenas expressar, mas também deixar de expressar; é reter, cortar, selecionar e encaixar a partir do que não foi eliminado. E o que foi cortado pode ser mais importante na composição do significado contido em uma representação (Rothberg, 2014, p.413).

Em relação às representações das infâncias na prática do jornalismo, Furtado, Garcia e Bressan (2020) entendem que a história da infância que se conhece é a história das representações. Ou seja, as crianças, na história, sempre foram representadas por adultos e não por elas mesmas. Segundo o exposto pelas autoras, até hoje é comum ver as crianças sendo representadas pelo jornalismo conforme o olhar e a fala de adultos sobre as suas atitudes. As próprias crianças poucas vezes são escolhidas como fontes com capacidade de opinar sobre os fatos que fazem parte de suas vidas.

As autoras ainda refletem que as crianças dependem da sensibilidade dos jornalistas – adultos – para serem incluídas nos noticiários como fontes. Para isso, afirmam que é necessário que exista mais observação da realidade das crianças, que devem ser consideradas como sujeitos participantes da sociedade. Só assim elas serão representadas de forma mais adequada. “Precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista” (Cohn, 2005, p. 08).

Segundo o pensamento de Doretto e Costa (2012), é importante também que o jornalista não tente fazer uma separação do espaço da criança do espaço da sociedade como um todo, já que a criança é integrante do corpo social e não deve ser estudada a partir de um olhar distante.

A infância, da mesma forma, não deve ser estudada a partir da questão de 'qual é o mundo da criança', porque esse mundo é o mesmo dos adultos. Não há um ponto de vista sobre a criança, mas ela mesma (assim como todos) é um ponto de vista (Doretto; Costa, 2012, p. 152).

Portanto, é importante que a própria criança seja ouvida, de forma adequada, pelos jornalistas, pois assim ela mesma poderá dizer o que pensa e o que deseja para o mundo.

Para compreender a forma que ocorrem as representações sociais no jornalismo, também é preciso pensar na ideia de notícia. Segundo Schudson (2010), esse conceito surgiu ainda nos anos 1930, e se tornou a verdadeira base do que se conhece por jornalismo diário. Já Nelson Traquina (2005) entende que as notícias apresentam um padrão, previsível e estável, já que se baseiam na existência de critérios de noticiabilidade, e são construídas a partir de um processo de percepção, seleção e transformação de matérias primas em um produto jornalístico. Os critérios de noticiabilidade, segundo o autor, é que determinam se um fato tem valor-notícia ou não. Por exemplo, aquilo que acontece com pessoas célebres – como é o caso dos membros da família real britânica – tem mais valor-notícia do que o que acontece com uma pessoa comum<sup>3</sup>.

Seguindo essa linha de raciocínio, Carvalho (2010) afirma que é a partir da notícia que se representam determinados grupos e aspectos da realidade, como seria o caso da infância. Segundo o autor, a notícia é o produto principal do jornalismo e que representa determinados aspectos da realidade que se vive.

Concordando com essa percepção sobre a notícia, Oliveira Júnior (2021) acrescenta que o conceito da infância é entendido conforme o âmbito social em que a própria criança, leitores e jornalistas estão inseridos. Ou seja, as notícias sobre crianças foram mudando com o tempo. “A infância é transformada em cada dispositivo do cotidiano, e por isso, reflete muitas questões que a sociedade suscita ou omite, pois como vemos o conceito de ser criança é peça chave para compreender suas relações sociais” (Oliveira Júnior, 2021, p. 35). Além disso, o autor também reflete sobre qual a função da mídia na representação dos conceitos da infância.

---

<sup>3</sup> Os conceitos de valor-notícia e de critérios de noticiabilidade serão aprofundados no próximo capítulo.

A mídia tem um papel fundamental na atualidade na forma que representamos as crianças, seu universo próprio e forma de agir. Em até certo ponto, era a TV que ditava as regras envoltas na subjetividade infantil, mas com o passar do tempo, as mídias sociais acabaram herdando este papel, não sem seguir a sua lógica consumista e superficial.” (Oliveira Júnior, 2021, p. 32).

Oliveira Júnior ainda reflete sobre como as diferentes mídias e suas linguagens foram representando as infâncias de formas diversas. Hoje, as imagens de crianças aparecem muito, por exemplo, nas redes sociais – de formas, inclusive, bastante questionáveis –, sem problematização social suficiente sobre essa prática. Entretanto, existe um temor de se mostrar crianças no jornalismo, que ainda tem dificuldade de debater o assunto e representá-las adequadamente a partir do seu próprio ponto de vista.

Nesse sentido, segundo Buitoni (2013), a primeira representação jornalística da infância no jornalismo é a da criança em situação de vulnerabilidade. O que acontece é que as crianças são muitas vezes representadas de forma estereotipada. Sarmiento (2003) entende que, para analisar a representação das crianças, é preciso levar em conta o contexto que vivenciam. Enquanto algumas, como a princesa Charlotte, têm excelentes condições de vida, outras se encontram em uma situação de vulnerabilidade social e familiar que molda sua realidade de outra forma. São dois universos muito diferentes e, entre eles, ainda há uma série de variações.

Entre as crianças que brincam com uma Barbie, ou que chutam um crânio humano, ou que empunham uma Kalashnikov de plástico, ou que jogam ao berlinda, ou lançam o peão, ou brincam às casinhas, ou se divertem na consola ou no écran do computador há todo um mundo de diferenças: de condição social, de contexto, de valores, de referências simbólicas, de expectativas e possibilidades. Mas há também um elemento comum: a experiência das situações mais extremas através do jogo e da construção imaginária de contextos de vida (Sarmiento, 2003, p. 52-53).

Apesar das diferenças citadas por Sarmiento, no entanto, a infância tem semelhanças que seguem mesmo com as diferentes realidades. Segundo Doretto e Furtado (2018), o olhar sobre a infância deve envolver diversas classes sociais e não deve ser focado apenas em crianças famosas ou “midiáticas”, como é o caso da princesa Charlotte.

[D]eterminadas crianças merecem mais atenção do que outras nesse tipo de mobilização em favor de um “ideal de infância”: as meninas e os meninos marginalizados socialmente não atraem, com a mesma força de garotos e garotas de classes altas, discursos que reivindicam proteção à sua “condição sonhada” de criança (Doretto; Furtado, 2018, p. 09).

Furtado e Doretto (2019), a partir de uma análise da produção de sentidos nos comentários de leitores do *El País* sobre a foto de um menino negro em Copacabana que circulou nas redes sociais, concluem que, entre os sentidos mais evidentes que surgem em relação ao menino<sup>4</sup> que vivia em uma situação de vulnerabilidade, estão o da inocência e da pureza. Segundo as autoras, isso significa que “a criança aparece predominantemente como um ser frágil” (Doretto; Furtado, 2019, p.171).

Levando em conta os sentimentos das crianças representadas e a compreensão da emoção que os mais jovens carregam consigo, entra o papel do jornalista de colocar em palavras e/ou imagens o que presencia. Em algumas vezes, no entanto, as crianças têm seus sentimentos e pensamentos representados de maneira muito superficial devido à falta de aprofundamento e conhecimento dos jornalistas sobre como abordar a infância. Para Doretto e Furtado (2019), em algumas situações, as crianças são representadas por meio das falas e ações de adultos, e acabam não tendo seu próprio pensamento levado em conta.

Buckingham (2009, p. 21) ajuda na reflexão dessa temática quando aponta quais crianças ficam de fora do noticiário: “[r]aramente vemos imagens de crianças normais, que não são sensacionais, que não têm um qualquer papel sentimental nas narrativas dos adultos sobre a inocência ou a sua corrupção”. Ou seja, as imagens de crianças que estão disponíveis no jornalismo são aquelas que saem do “comum” ou do imaginário social que se tem da infância. Ou são de crianças com notoriedade, como é o caso da princesa Charlotte; ou são crianças que vivem em situação de extrema pobreza; ou que são apresentadas apenas como consumidoras, entre outras poucas possibilidades redutoras. São, portanto, representações estereotipadas.

Hall (2016) destaca que o processo de estereotipagem, em que a sociedade forma um “padrão” que fica conhecido por estereótipo, reúne aspectos como

---

<sup>4</sup> O artigo analisa a recepção de dois textos do jornal *El País*, em sua versão brasileira, sobre a imagem publicada pelo fotógrafo Lucas Landau em sua página no Facebook, mostrando um menino negro, sem camisa, vendo a queima de fogos no réveillon de Copacabana. A fotografia causou polêmica nas redes sociais, com diferentes interpretações sobre a imagem e a criança retratada. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/195747> Acesso em: 4 agosto 2024.

representação, poder e diferença, que precisam ser analisados com profundidade para que se entenda esse conceito com clareza.

O ponto importante é que os estereótipos referem-se tanto ao que é imaginado, fantasiado, quanto ao que é percebido como "real", e as reproduções visuais das práticas de representação são apenas metade da história. A outra metade - o significado mais profundo - encontra-se no que não está sendo dito, mas está sendo fantasiado, o que está implícito, mas não pode ser mostrado (Hall, 2016, p. 200).

Sendo assim, para o autor, se cria socialmente o estereótipo da “criança perfeita”, ou da criança ingênua. Ainda segundo Hall (2016), esse processo de estereotipagem também se trata de um tipo de poder hegemônico e discursivo que opera em diversos campos, incluindo a cultura e a produção de conhecimento, podendo se estender às análises também ao campo da comunicação.

Além disso, é a partir do trabalho dos jornalistas que as informações credíveis circulam com maior agilidade ao redor do mundo. Incluindo as que trazem as crianças como fonte ou como foco. Se os jornalistas não se empenham em incluir as crianças em suas apurações, é difícil que consigam compreendê-las e, conseqüentemente, representá-las adequadamente para a comunidade. De acordo com Buitoni (2013, p. 141), o jornalismo está vinculado fortemente aos acontecimentos, e por isso, “a narração sempre tem um final como ponto de partida.”

Pela pouca importância política de uma criança, quase sempre existem fracas articulações com um acontecimento. Nesse sentido, as imagens da infância tendem a um caráter genérico. A infância representa começo e início – algo que se distancia do acontecimento como finalização de uma ação (Buitoni, 2013. p.141).

No entanto, a criança que está em foco nesta pesquisa é a princesa Charlotte, de nove anos, que tem sua figura atrelada a um grupo e a um ambiente de forte poder simbólico não só na Inglaterra, mas no mundo todo. Com o reinado de seu avô, Charles III, em andamento desde 8 de setembro de 2022, a princesa é a terceira<sup>5</sup> na linha de sucessão britânica, atrás de seu pai, o príncipe William, e de seu irmão mais velho, George. Considerando a linha sucessória, a princesa já traz consigo uma grande importância política e cultural. Imediatamente após o seu nascimento, em 2015, a menina entrou diretamente na linha de sucessão, depois de

---

<sup>5</sup> Houve uma mudança no ano de 2013, quando o Ato de Sucessão à Coroa Britânica, decretou que o sexo não seria mais determinante para a posição dos integrantes da realeza na linha sucessória. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/princesa-charlotte-sucessao-trono-britanico>. Acesso em: 14 mar. 2024.



a realeza britânica abrir mão da regra que dava preferência aos herdeiros do sexo masculino em relação às suas irmãs na linha de sucessão. Ou seja, seu irmão mais novo, Louis, não fica na sua frente na sucessão apenas por ser homem. A expectativa é de que Charlotte seja a primeira integrante da família real britânica a se beneficiar dessa mudança.

Entretanto, mesmo que a princesa não fosse a terceira na linha de sucessão, só o fato de ela fazer parte da família real já lhe coloca em um lugar de destaque, principalmente para os jornalistas. Muito pela notoriedade<sup>6</sup> que os membros da família real possuem, sendo considerados até mesmo celebridades. Por isso, facilmente viram notícias. Além disso, a sua relevância no contexto histórico e social faz com que não apenas os britânicos, mas cidadãos de diversas partes do mundo queiram saber o que acontece em suas vidas. Para entender o conceito de celebridade, vamos seguir o pensamento de Marshall (1997), que compreende que as celebridades são figuras públicas que ocupam o espaço de visibilidade da mídia e são construídas discursivamente no jornalismo diário. Traquina (2005, p. 80) também trata do tema: “O nome e a posição da pessoa são importantes como fator de noticiabilidade”.

Charlotte, no entanto, é uma celebridade muito específica. Ela não é uma esportista prodígio, ou uma atriz que se expõe em suas atuações, por exemplo. A princesa é protegida por um ambiente controlado, em que praticamente não pode se comportar como criança. Mesmo ocupando um local no topo da pirâmide social, Charlotte é uma criança da qual pouco se sabe e que jamais é ouvida pelos jornalistas. Como muitas outras, ela é uma criança cuja voz é silenciada.

Marôpo (2008) afirma que as crianças, como a princesa, costumam ser personagens sobre os quais apenas se fala, enquanto seus pontos de vista aparecem somente em notícias não factuais. Além disso, a princesa figura nos noticiários justamente por ser considerada uma celebridade, que, segundo o pensamento de Simões (2009), chama atenção da mídia. Em seus estudos, a autora analisa as narrativas sobre o jogador de futebol Kaká e entende que “a mídia constrói um discurso próprio para falar desses acontecimentos, colaborando na constituição da narrativa biográfica desse sujeito” (Simões, 2009, p.76). A autora ainda acredita que os discursos construídos pela mídia sobre a vida de pessoas

---

<sup>6</sup> A notoriedade é um dos critérios de noticiabilidade apontados por Nelson Traquina (2005), ou seja, fatos que acontecem com pessoas notórias normalmente têm valor-notícia.

famosas, como o jogador ou a princesa, podem suscitar diferentes experiências de recepção por parte do público para o qual se dirigem.

Carregando consigo o contexto político, a pouca idade e o controle em meio a um sistema tão fechado como a monarquia britânica, a princesa Charlotte, por expressar seu luto e sua emoção na morte da Rainha Elizabeth II, sua bisavó, tornou-se notícia em todo o mundo. Imagens da menina chorando circularam em diversos veículos, causando comoção nos leitores, que se expressavam por comentários nos sites e nas redes sociais.

Para Gadret (2016, p. 85), “o telejornalismo pode falar basicamente de qualquer assunto, desde que seja possível associá-lo a imagens minimamente interessantes”. Algumas imagens podem chamar muita atenção e provocar diferentes emoções no telespectador. Nesse caso, é possível perceber que os portais de notícia online seguiram o mesmo caminho dos telejornais estudados pela autora. No caso da princesa Charlotte, os noticiários utilizaram imagens em que ela estava chorando, ou seja, em que ela estava numa situação vulnerável e que causou comoção no leitor. Nesse momento, é como se Charlotte tivesse saído de sua posição de princesa para assumir uma posição de apenas criança, que expressa suas emoções. Por isso a imagem se tornou interessante.

A cobertura jornalística sobre tudo o que ocorre com a família real é tão intensa que Charlotte, mesmo sendo criança, já sabe se comportar de uma forma que não quebre as expectativas do público, ou que não fuja da representação imaginada por todos em relação à sua família. A British Broadcasting Corporation (BBC) corporação pública de rádio e televisão britânica e um dos veículos jornalísticos mais conceituados no mundo, por exemplo, já se preparava para a cobertura da morte da Rainha Elizabeth II havia pelo menos 25 anos<sup>7</sup>, mostrando a importância destas pessoas para o jornalismo mundial. Por isso, o comportamento da princesa pouco comum aos olhos do público chamou atenção.

Goffman (2006) afirma que a representação que um indivíduo ou grupo quer passar para o seu público se assemelha a de um ator no teatro. O autor chama de fachada o desempenho de um sujeito frente a seu público, que será específico para cada situação. “Fachada”, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado

---

<sup>7</sup> A informação foi dada pela jornalista Vivian Oswald ao Uol News. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/09/08/jornalista-bbc-preparava-ha-25-anos-cobertura-do-funeral-da-rainha.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 13 abr. 2024

intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (Goffman, 2006, p. 29). A fachada é composta pelo “cenário”, que é toda a parte física, mobílias, ou pano de fundo onde está o sujeito que representa; e pela “fachada pessoal”, que é o vestuário, as atitudes, idade, características raciais, gestos corporais, expressões faciais, entre outros modos do “ator” que representa.

No caso da família real, a fachada é muito bem definida pelos cenários em que seus membros costumam aparecer e pelas fachadas pessoais de todos eles, sempre bem arrumados e contidos nos seus gestos estejam onde estiverem. Ou seja, existe uma representação bem específica pela qual o público espera quando se tratam desses “atores”, como denomina Goffman (2006).

O autor diz que o cenário tende a ser sempre o mesmo nas representações. Poderíamos exemplificar como uma sala de aula para um professor, ou um consultório para o médico, ou a sala específica para os jogadores de futebol concederem entrevistas coletivas depois de um jogo. Quando a representação termina, o “ator” sai daquele cenário. Entretanto, Goffman (2006, p.29) lembra que, apenas em circunstâncias muito excepcionais o cenário acompanha os sujeitos que representam: “Vemos isto num enterro, numa parada cívica e nos cortejos irrealis com que se fazem reis e rainhas”.

É exatamente esse o caso que está sendo aqui estudado. O velório da rainha da Inglaterra foi todo estruturado com um cenário compatível com os demais cenários que a família real normalmente aparece para o público. “Em geral, tais exceções parecem oferecer uma espécie de proteção extra aos atores que são, ou se tornaram momentaneamente, altamente sagrados” (Goffman, 2006, p.29). Na cerimônia, portanto, a família real – incluindo a princesa Charlotte – deveria manter a “fachada pessoal” que assume em todas as aparições públicas, ou seja, todos deveriam se portar como personagens ilustres que são, até para se diferenciar dos demais “atores” que fazem parte do “povo”.

Quando, então, a princesa chora no enterro da bisavó, ela quebra a expectativa que o público tem em relação ao seu comportamento naquele cenário da realeza. Goffman (2006) explica que, nesses casos, a aparência e a maneira como é realizada a representação se contradizem. Isso ocorre “(...) quando um ator que parece ser de posição mais elevada que sua platéia age de maneira inesperadamente igualitária, íntima ou humilde (...)” (Goffman, 2006, p.32). O autor, então, destaca que, quando se quebra essa coerência na representação do que ele

chama de um “tipo ideal”, as exceções chamam atenção. E ele cita que a quebra da “(...) compatibilidade entre ambiente, aparência e maneira oferecem o sabor picante e o encanto de muitas carreiras e o apelo vendável de muitos artigos de revista” (Goffman, 2006, p.32), se referindo aos jornalistas.

Em 2024, outro evento mostrou a intensa especulação da mídia com assuntos que envolvem a família real e a expectativa dessa representação de tipos ideais. Em março, a princesa Kate Middleton precisou fazer uma postagem em vídeo<sup>8</sup> para esclarecer que passava por tratamento para um câncer e por isso havia sumido dos noticiários e de compromissos oficiais. Antes do pronunciamento, diversas teorias surgiram nas redes sociais, envolvendo uma possível morte da princesa, ou uma crise no relacionamento com William. A especulação ficou ainda maior quando, no Dia das Mães do Reino Unido, uma foto de Kate com Charlotte, George e Louis, seus filhos, foi divulgada nas redes sociais da família real e causou estranhamento após o público e agências de notícia como a Reuters perceberem que havia uma manipulação na imagem<sup>9</sup>.

Na página dividida por William e Kate, a princesa esclareceu o ocorrido em um comunicado e confirmou a manipulação da imagem: “como muitos fotógrafos amadores, ocasionalmente faço experiências com edição”, escreveu ela<sup>10</sup>. Nesse caso, a tentativa de manter uma imagem ideal da família real também não teve sucesso, pois justamente ela assumiu uma “fachada pessoal” incompatível com a sua costumeira representação, se igualando a “atores” que não fazem parte da realeza. Por fim, alguns dias depois, foi confirmado que Kate estava se tratando de um câncer. Os dois fatos se aproximam porque quebram a expectativa da família real como “perfeita”, mas, no caso do choro da princesa Charlotte existe também uma relação com o imaginário sobre a infância, que é enquadrada de formas bem específicas pelo jornalismo.

---

<sup>8</sup> A publicação foi feita na rede social X (antigo Twitter). Disponível em: <https://x.com/KensingtonRoyal/status/1771235267837321694>. Acesso em 13 abr. 2024.

<sup>9</sup> Esta seria a segunda imagem da família real manipulada digitalmente segundo a Getty e Reuters. Disponível em: <https://www.publico.pt/2024/03/20/impar/noticia/segunda-fotografia-kate-manipulada-reuters-rever-im-agens-reais-2084226>. Acesso em: 13 abr. 2024

<sup>10</sup> A publicação foi assinada com um “C”, em referência ao nome de batismo da princesa, Catherine. Disponível em: <https://x.com/KensingtonRoyal/status/1767135566645092616>. Acesso em: 13 abr. 2024

## 2.3 ENQUADRAMENTOS DAS INFÂNCIAS

Erving Goffman é também uma das principais referências do conceito de enquadramento relacionado à comunicação. O autor trata da noção de *frame*, traduzido para o português como enquadramento. Esse conceito permitiu que estudos seguintes refletissem sobre o modo como as notícias são apresentadas ao público pelos jornalistas e sobre as relações que as pessoas fazem da narrativa com as diferentes dimensões sociais.

Parto do princípio de que as definições de uma situação são construídas de acordo com princípios de organização que governam eventos – pelo menos os sociais – e o nosso envolvimento subjetivo neles; enquadramento é a palavra que eu uso para referir-se a um destes elementos básicos, tais como sou capaz de identificar. Esta é minha definição de enquadramento. Minha expressão análise do enquadramento é um slogan para referir-me, nesses termos, ao exame da organização da experiência (Goffman, 2006, p. 11).

Goffman (2006) tem como foco de seus estudos as pequenas interações diárias e acredita que o enquadramento é o que permite ao cidadão, ao se deparar com uma situação, entender o que está acontecendo à sua frente. Dessa forma, é o enquadramento que relaciona a experiência do leitor ao contexto em que a notícia é tanto produzida quanto recebida. “Cada texto noticioso, portanto, não pode mais ser verificado como uma unidade do real, mas sim como uma construção simbólica promovida por agentes especializados em sua tentativa de enquadrar a realidade” (Hangai, 2012, p.5).

Gadret (2016) compreende que os jornalistas incluem a emoção nas matérias que produzem para despertar um maior interesse do público.

As emoções possuem duas funções, e ambas estão relacionadas à administração da concentração dos telespectadores. Em primeiro lugar, eles apontam que as emoções facilitarão a compreensão das notícias: reconhecida como uma técnica narrativa, ela provocaria a reflexão e captaria a atenção do público, além de proporcionar um atalho cognitivo na medida em que facilitaria a conexão entre a notícia e as vivências pessoais dos telespectadores. Em segundo lugar, elas conformariam a maneira que as pessoas assistem às notícias, pois acreditam que as emoções provocam e mantêm o interesse do público nos relatos (Gadret, 2016, p.50).

As emoções presentes nas imagens ajudam, portanto, a enquadrar determinado fato transformado em notícia. Segundo Rothberg (2014), o conceito de enquadramento se interliga também à noção de representação. Os dois conceitos possuem semelhanças entre si, pois, para o autor, tanto a representação quanto o

enquadramento podem ser entendidos como uma “apropriação particular de sentido que opera vínculos e limpa o terreno simbólico para proporcionar a proeminência de dada perspectiva” (Rothberg, 2014, p.413). Ou seja, o enquadramento e a representação estão ligados aos sentidos que estão presentes em um discurso.

Para aplicar o conceito de enquadramento na construção das notícias, Shanto Iyengar (1991) destaca que há dois modos principais de enquadramento, chamados de episódico e temático, que têm diferenças e semelhanças entre si. Para o autor, os episódicos são os que focam em acontecimentos específicos, enquanto os temáticos são aqueles que colocam os assuntos em um enquadramento geral mais amplo. No caso do choro da princesa, é possível afirmar que, num primeiro momento, houve um enquadramento episódico, sobre aquele momento específico. Entretanto, nos dias seguintes – como poderá ser visto no capítulo de análise desta pesquisa – os jornalistas passaram para um enquadramento mais amplo, sobre o luto infantil.

Nesse sentido, os enquadramentos de casos como o da princesa emocionada no funeral trazem à tona uma outra questão: a presença do sensacionalismo no jornalismo. Amaral (2006) define que a diferença entre um jornal sensacionalista e uma publicação “séria” é a intensidade. A autora considera que o sensacionalismo tem como propósito apenas a mercantilização da informação, por isso apela para o exagero, para a exploração da emoção. Ela exemplifica o sensacionalismo com uma prática facilmente encontrada nos portais brasileiros: coloca-se algo no título apenas para chamar a atenção do leitor, mas não se entrega na matéria o que foi anunciado. “As notícias da imprensa sensacionalista sentimentalizam as questões sociais, criam penalização no lugar de descontentamento e constituem-se num mecanismo reducionista que particulariza os fenômenos sociais” (Amaral, 2006, p.21). No caso das notícias sobre o choro da princesa Charlotte, quando tratado de forma descontextualizada ou reducionista, os portais podem ser sensacionalistas.

Além dessa questão, vale tratar também sobre a relação das crianças com as mídias – e, em especial, o jornalismo. Postman (2011), autor que segue uma linha de pesquisa mais radical sobre essa temática, acredita que a infância esteja desaparecendo ao longo do tempo por as crianças terem livre acesso a conteúdos nas mídias, como, por exemplo, a televisão. Por isso, elas também estariam expostas a notícias de todos os tipos, entre elas, as sensacionalistas. Já Sarmiento

e Pinto (1997) não consideram que a infância esteja acabando. Eles acreditam que as crianças fazem parte da mesma sociedade dos adultos, mas têm suas características próprias que devem ser respeitadas, inclusive pelos jornalistas.

Hoje a criança faz parte da economia, da cultura, da política, e por isso merece ocupar seu lugar na constituição social. Ou seja, as crianças são parte da sociedade e, por consequência, precisam ser incluídas pelo jornalismo de forma adequada – como qualquer outra fonte. Devem ser tratadas com respeito na hora da construção de notícias sobre elas e a partir do ponto de vista delas e não dos adultos. Nesse sentido, é preciso que o enquadramento dessa parcela da população seja feito de forma adequada. Marôpo (2008), ao estudar o enquadramento e os direitos das crianças a partir de pesquisa sobre o desaparecimento de Madeleine McCann<sup>11</sup> e a extensa cobertura midiática da época, entendeu que o jornalismo, em algumas coberturas, peca na reflexão e explicação sobre os casos, focando muito mais no sentimentalismo envolvido no fato do que nas informações mais objetivas. Em casos trágicos como esse, a autora percebe que o jornalismo se preocupa mais em como irá tocar o leitor ou espectador do que no fato em si, ou seja, se torna mais sensacionalista.

Marôpo e Jorge (2014) analisam em outro estudo o enquadramento das celebridades pelo jornalismo. As autoras explicam também o que entendem por “crianças celebridades”, como é o caso da princesa Charlotte, que, antes mesmo de nascer, já era filha de pais famosos e cresceu em um mundo que deposita grande atenção nela e em suas ações. Segundo as autoras, “as celebridades detêm um poder cultural na esfera pública que advém do seu valor individual e frequentemente a atenção destina-se aos aspectos privados das suas vidas” (Marôpo; Jorge, 2014, p.137). Para elas, ainda, “no contexto da mídia de celebridades, as questões privadas e relativas à família são privilegiadas, sendo, portanto, as crianças um tema caro” (Marôpo; Jorge, 2014, p.139).

Sobre a princesa, filha do príncipe William e da princesa Kate, o enquadramento noticioso feito pelos portais de notícia trouxe à tona a situação de luto e tristeza vivenciada pela menina na morte da bisavó, por meio de fotos que

---

<sup>11</sup> No dia 3 de maio de 2007, a menina britânica de apenas três anos desapareceu de um quarto do hotel em que estava com seus irmãos enquanto a família passava férias na Praia da Luz, destino turístico em Portugal. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/02/23/caso-madeleine-entenda-o-desaparecimento-que-intriga-o-mundo-ha-mais-de-15-anos.ghtml>. Acesso em 18 abr. 2024

registraram o seu choro. Marôpo e Jorge entendem que essa é uma prática comum no jornalismo e que acaba disseminando muito rapidamente o fato noticiado.

Muitas vezes, circulando através de agências, as notícias sobre celebridades, incluindo sobre os seus filhos, chegam rapidamente a todos os tipos de mídia. As imagens, frequentemente de paparazzi, reproduzem-se, quase sem contexto, ao longo de todo o espectro midiático, favorecidas pela convergência, pela concentração e desregulamentação da mídia (Marôpo; Jorge, 2014, p.140).

Considerando o enquadramento como uma construção repleta de simbolismo na prática do jornalismo, a princesa aparecer chorando nas matérias chamou a atenção do leitor pelo sentimentalismo exposto pela menina em uma família que costuma ter comportamentos extremamente rígidos, controlados e sérios em público. Ademais, além de ser considerada uma celebridade por si só, é também filha e neta de outras personalidades de grande relevância e notoriedade para o jornalismo mundial.

No capítulo seguinte, abordaremos o valor-notícia da morte para entender mais sobre o contexto das notícias do velório da Rainha Elizabeth II, que trazem imagens da princesa enlutada. Também será tratada a questão de como as crianças vivenciam as situações de luto.



### 3. JORNALISMO E MORTE

A notícia é essencial para o jornalismo diário. Por conta disso, ao longo dos anos, diversos deles têm se debruçado nos estudos sobre esse tipo de texto, na tentativa de compreender a forma como se dá a sua construção. Toda notícia, para Traquina (2005), é resultado de um processo de seleção e construção, que leva a informação ao leitor. Para compreender então, quais fatos se transformam em notícia, o autor aprofundou seus estudos sobre os valores-notícia.

Neste capítulo apresentamos o conceito de valor-notícia, para assim poder compreender a relação entre o valor-notícia morte com a noticiabilidade do choro da princesa Charlotte durante o velório da bisavó. O objetivo é poder entender, também por esse viés, o motivo que levou a princesa a ser notícia ao expressar o seu sentimento de tristeza pelo luto. Além disso, buscaremos compreender como o luto é visto pelo jornalismo.

#### 3.1 A MORTE COMO VALOR-NOTÍCIA

É principalmente por meio das notícias que os cidadãos se atualizam sobre o que acontece ao seu redor e no mundo inteiro de forma rápida e credível. Nelson Traquina (2005), uma das principais referências do jornalismo, acredita que as notícias têm um “padrão geral”, considerado bastante estável e previsível. A partir desse entendimento, para definir o que seria ou não notícia, o autor estudou os critérios de noticiabilidade.

Os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo "valor-notícia" (Traquina, 2005, p. 63).

Segundo o autor, se referindo a uma conhecida frase de Bourdieu, os jornalistas têm uma espécie de “óculos particulares” que utilizam no seu trabalho para “enxergar” quais acontecimentos devem ser noticiados ou não, ou seja, quais possuem valor-notícia. Wolf (2003), também citado nos estudos de Traquina, entende que existem valores-notícia de seleção e de construção. Os de seleção seriam os critérios que o jornalista, seja como repórter ou editor, adota ao decidir se o fato será ou não noticiado. Já os de construção delimitam como será a elaboração

no processo, o que deve ser realçado, omitido, destacado dentro da transformação do acontecimento em notícia.

Entre os valores-notícia definidos por Traquina, o primeiro a ser citado e que faz parte dos critérios de seleção, é a morte. “Onde há morte, há jornalistas. A morte é um valor-notícia fundamental para essa comunidade interpretativa” (Traquina, 2005, p.79). Segundo o autor, todos nós seremos um dia notícia: quando morrermos. Mas, dependendo da nossa relevância social, ganharemos apenas uma nota ou poderemos ser até mesmo capa de jornal. No caso da Rainha Elizabeth II, bisavó da princesa Charlotte, apenas uma capa não foi o suficiente. Jornais do mundo afora trouxeram a morte da rainha como a manchete principal do dia.

Isso ocorreu devido a notoriedade dessa personalidade, outro valor-notícia definido por Traquina. Segundo o autor, “a celebridade ou a importância hierárquica dos indivíduos envolvidos no acontecimento tem valor como notícia” (Traquina, 2005, p.79). Além disso, ele entende que, “quanto mais o acontecimento disser respeito às pessoas de elite, mais provavelmente será transformado em notícia” (Traquina, 2005, p.80).

No exemplo que o autor traz em sua obra, o que o presidente da república faz é importante por ele ser presidente da república, e, nesse mesmo sentido, o que a rainha da Inglaterra faz ou o que acontece com ela é importante justamente por ela ser uma rainha. Juntando os valores-notícia morte e notoriedade, se justifica o grande número de notícias sobre o falecimento da monarca. Para Hall *et al.* (1978), quanto maior a relação e a presença de valores-notícia diferentes em um mesmo acontecimento, maior será a probabilidade do fato ser noticiado, já que os mesmos operam como uma espécie de estrutura, que se torna mais forte em conjunto.

Sendo assim, a morte de uma pessoa qualquer em um bairro da cidade de Porto Alegre não seria noticiada pelos jornais da Inglaterra, por exemplo. Mas a morte da Rainha Elizabeth II, mesmo que esteja distante geograficamente (e não atenda ao critério de noticiabilidade de proximidade para quem está fora da Inglaterra, por exemplo) não apenas chegou aos principais jornais da capital gaúcha como estava em suas capas<sup>12</sup>. A representação da morte ocorre, então, de formas

---

<sup>12</sup> Segundo dados do ranking do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) do ano de 2016, a Zero Hora, Diário Gaúcho e Correio do Povo estavam entre os maiores jornais de circulação do país, e consequentemente, eram considerados os de maior circulação no Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://coletiva.net/comunicacao/tres-jornais-de-porto-alegre-estao-entre-os-maiores-do-pais.128086.jhtml#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20ranking,e%20ficou%20na%20nona%20posi%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 22 abr. 2024. Ainda hoje, os jornais seguem sendo considerados

diferentes dependendo da sua relevância social, mas também dependendo da classe social da pessoa que morreu. Para Viana e Morigi (2018, p.54), se “entretanto, fossem noticiadas todas as mortes, não restariam páginas ou tempo de transmissão aos assuntos da política, da economia, da cultura, do esporte: não haveria espaço aos assuntos dos vivos”. Por isso apenas determinadas mortes são noticiadas.

Dentro dos critérios de seleção apontados por Traquina (2005), além da morte, da notoriedade e da proximidade, também são critérios substantivos: a relevância, a novidade, o tempo, a notabilidade, o inesperado, o conflito (ou controvérsia) e a infração (que também se relaciona com o escândalo). No caso da morte da rainha, é possível afirmar que o critério de relevância também está presente, pois o fato representa uma mudança, ao menos simbólica, em um espaço de poder de um importante país. Outros critérios como novidade e inesperado – por mais que a rainha já estivesse com uma idade avançada – também podem ser relacionados ao fato. Sobre o critério de notabilidade, Traquina (2005) afirma que o jornalismo tende a cobrir muito mais acontecimentos do que problemáticas. Ou seja, quanto mais tangível e visível for um fato, mais chance de ele ser noticiado. A morte é por si só algo, para o jornalismo, tangível. No caso da morte de uma celebridade, o fato gera imagens “concretas”, do velório, das pessoas presentes, do momento de despedida.

Se os critérios substantivos são aqueles que dizem respeito à avaliação do acontecimento em termos de sua importância para ser transformado em notícia, os contextuais dizem respeito ao trabalho do repórter e a infraestrutura disponível para que ele realize uma cobertura. Até mesmo por questões financeiras do veículo, nem sempre é possível cobrir alguns acontecimentos, ainda mais quando são distantes. Por isso é preciso fazer escolhas. Traquina (2005) aponta os seguintes critérios contextuais: a disponibilidade, o equilíbrio, a visualidade, a concorrência e o chamado dia noticioso. No caso da morte da rainha, os jornais não tiveram dificuldade de ter acesso a conteúdos e imagens das agências de notícia internacionais, portanto os critérios contextuais foram todos praticamente cumpridos. Para a maioria dos veículos, não foi necessário enviar repórteres para

---

referência no estado, e os três se juntaram aos noticiários mundiais trazendo imagens da Rainha Elizabeth em sua capa. Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/2022-09-09/>. Acesso em 21 abr. 2024.

cobrir o fato, que gerou inúmeras imagens e se sobrepôs a outros acontecimentos do dia.

Apesar da importância do conceito de valor-notícia, muito antes de ele ser cunhado, outros autores já se debruçavam sobre o estudo das notícias. No ano de 1690, Peucer (2004) apresentou na Alemanha sua tese de doutorado, considerada o primeiro estudo acadêmico<sup>13</sup> no mundo ocidental a abordar o universo das notícias. Nesse texto, o autor já reconhecia serem necessários critérios para decidir quais acontecimentos mereceriam ser destacados nos jornais. Entre esses, estavam os nascimentos e mortes de pessoas ilustres, que, para o autor, ganham destaque pela relevância e notoriedade das pessoas envolvidas.

Com o passar do tempo, os profissionais da imprensa acabam naturalizando o processo de seleção do que deve ser notícia ou não, muitas vezes não problematizando mais suas escolhas. No entanto, algumas vezes, é comum que o leitor se pergunte: por qual motivo determinado acontecimento virou notícia? Nesse caso, por que a princesa Charlotte chorar no velório de sua bisavó tornou-se uma notícia com importância mundial?

Marôpo e Jorge (2011) analisam os casos de crianças que já nascem celebridades por causa de suas famílias, como é o caso de Charlotte, e questionam-se sobre o fato dessas crianças virarem notícia.

Se o jornalismo (especialmente o considerado de referência) deve contextualizar o debate sobre casos particulares que envolvem as crianças, numa perspectiva pública e política, as notícias sobre filhos de celebridades também podem ser tratadas dessa forma, quer sejam dramas pessoais ou situações da vida cotidiana? Se as imagens podem ser tão fortes ao ponto de incitar reconhecimento público das questões e sensibilizar para problemas que de outra forma permaneceriam invisíveis, em que medida a divulgação de imagens dos filhos de celebridades desrespeita o seu direito à privacidade? (Marôpo; Jorge, 2011, p.147).

As autoras ainda refletem que, mesmo com a fama justificando o motivo de personagens conhecidos, como os integrantes da família real, tornarem-se notícia, muitas vezes os enquadramentos não têm sido adequados.

As celebridades e seus filhos como critérios de noticiabilidade não parecem ser suficientes para que este jornalismo considerado de referência consiga enquadrar estas temáticas como problemas

---

<sup>13</sup> Chamada "De Relationibus Novellis", a tese do estudioso alemão Tobias Peucer foi apresentada em Leipzig, na Alemanha, e para autores como Sousa (2004), se tornou um marco inaugural de diversas teorias. Para o autor, Peucer é considerado progenitor da Teoria do Jornalismo. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/download/2071/1813/6195>. Acesso em 26 abr. 2024.

públicos, dignos de atenção social e política (Marôpo; Jorge, 2011, p.152).

Para Ponte (2005), as crianças formam um dos grupos mais silenciados na sociedade. “Num jornalismo onde a personalização é valor-notícia, as crianças são por excelência ‘boas vítimas’ ou preocupantes ‘traidores’ da sua própria condição quando não correspondem a essa imagem de fragilidade” (Ponte, 2005, p.143). No caso da princesa, no entanto, a demonstração foi justamente de fragilidade e de sofrimento. Como outras crianças, Charlotte não foi ouvida pelos jornalistas, mas não porque eles não quisessem ouvi-la, mas porque ela é uma criança silenciada pela posição que ocupa. Nesse caso, a fragilidade por parte da princesa não era esperada porque ela raramente aparece nessa posição.

A partir da reflexão sobre a relação entre jornalismo e infância, é possível compreender os motivos que levaram o choro da princesa ser não só notícia, mas também provocador de reportagens. Nesse caso, o seu comportamento foi utilizado como gancho para que fossem produzidas reportagens sobre algo mais amplo: o luto infantil. De acordo com Furtado (2013), a reportagem é o gênero jornalístico mais adequado para o aprofundamento de um fato instantâneo, que já foi suficientemente explorado pelas publicações online ou diárias. Vale se questionar, no entanto, se as formas como Charlotte foi representada tanto nas notícias quanto nas reportagens foram as mais adequadas.

Considero que houve uma superexposição de uma menina de 7 anos em um momento de tristeza. Nesse sentido, Oliveira Júnior (2021) conclui que a infância é transformada em cada dispositivo que faz parte do cotidiano da sociedade, incluindo o jornalismo. Sendo assim, “reflete muitas questões que a sociedade suscita ou omite, pois como vemos o conceito de ser criança é peça chave para compreender suas relações sociais” (Oliveira Júnior, 2021, p.35). Sendo assim, trataremos a seguir da visão que o jornalismo tem sobre o luto das crianças e como essa questão aparece nos noticiários nas situações em que estão emocionalmente vulneráveis.

### 3.2 O LUTO NA INFÂNCIA NA VISÃO DO JORNALISMO

Contar histórias envolve as mais variadas emoções, e é justamente por isso que elas fazem parte do trabalho jornalístico. Segundo Gadret (2016), os jornalistas “consideram as emoções fundamentais ao jornalismo, pois fazem parte do cotidiano das pessoas” (Gadret, 2016, p. 49). Entre as emoções que podem ser expressas

pelo ser humano está a tristeza, que normalmente está presente no luto. Focando no caso de crianças que vivenciam a morte de alguém próximo, é possível dizer que elas podem sentir e demonstrar a perda de diferentes formas – como qualquer pessoa, na verdade. “Independentemente do nível de concepção de morte que a criança já possa ter atingido, ela sofre sempre com a perda a nível afetivo e emocional” (Pedro *et al*, 2010, p. 5).

Para entender a forma que o luto na infância aparece no jornalismo, é importante antes de tudo conceituar o que é o luto. Para Santos e Souza (2020), no campo de estudos da psicologia, o luto é um processo inevitável, em que todos que perdem um ente querido tendem a passar de alguma forma. Concordando com Bowlby, as autoras também entendem que, devido ao misto de sentimentos, algumas mudanças podem aparecer no comportamento da pessoa enlutada. “Cada indivíduo vivencia o ‘processo do luto’ de maneira diferente, mediante a cultura, contexto de vida e familiar e o próprio contexto e definição de perda irá influenciar a forma como a pessoa vai enfrentar o luto” (Santos; Souza, 2020, p.7).

Apesar de a morte ser a grande certeza que se tem na vida, falar sobre ela ainda é um tabu. Muitas vezes, os adultos optam por mentir para as crianças sobre a morte de algum parente ou animal de estimação, não permitindo que elas vivenciem o processo do luto, que é importante para seu desenvolvimento. É nesse processo que a criança consegue elaborar seus pensamentos e interpretações sobre os sentimentos presentes nessa situação de perda profunda.

Yamaura e Veronez (2016), também no campo de estudos da psicologia, analisam a forma como as crianças percebem e reagem em casos de morte e refletem sobre a dualidade da ideia de unir o fim e o começo da vida. “Os termos morte e criança parecem contraditórios, pois a morte é, muitas vezes, visualizada como distante do universo infantil” (Yamaura; Veronez, 2016, p.80). As autoras afirmam que a própria palavra morte carrega consigo várias emoções e constitui-se a partir de muitos significados, que podem ser abordados no jornalismo mesmo quando se fala de acontecimentos relacionados com as crianças, já que as mesmas também vivenciam essas situações.

Para Pedro *et al* (2010), entretanto, um dos fatores que influencia na construção de notícias e reportagens que envolvem situações de luto e tristeza de crianças é a variedade das possibilidades de compreensão do fato por parte delas.

A forma como ela vive o luto e representa internamente a morte varia de acordo com a idade, a personalidade, o estágio de desenvolvimento cognitivo e psicossocial, a intensidade com que ela vive e está próxima com esta crise e, também, com aspectos mais gerais como a cultura em que está inserida (Pedro *et al*, 2010, p.3).

Bowlby (1998) também afirma que a percepção da morte por parte da criança varia conforme idade, personalidade, desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento social e a cultura na qual convive. Quando o jornalista noticia a morte de uma criança, por exemplo, ele deve pensar em como falar de um fato tão complexo e triste, protegendo a imagem da criança que morreu e de sua família. Deve também refletir, na medida do possível, sobre como outras crianças poderão reagir a esse fato noticiado. A questão é difícil porque, como dizem Yamaura e Veronez (2016), não se pode esconder a morte das crianças, mas é necessário que o jornalismo saiba tratar do assunto de forma respeitosa.

Notícias sobre mortes de adultos e idosos são mais comuns e não chamam tanta atenção pela contradição entre início e fim da vida. O velório da Rainha Elizabeth II, como vimos, foi noticiado pelo fato de a morte ser um valor fundamental para o jornalismo e também pela notoriedade da personagem. No caso da princesa Charlotte, devido a essa mesma notoriedade, os noticiários utilizaram imagens em que ela estava chorando enquanto estava no velório da bisavó, fato que também se relaciona ao valor-notícia da morte. Ao chorar, a menina estava enlutada – inclusive usando uma roupa completamente preta e formal –, portanto, numa situação de fragilidade que normalmente não é exposta por fontes célebres. No entanto, Marôpo (2015) destaca que a temática da morte acaba sendo muito mais relacionada às crianças no jornalismo quando elas fazem parte de grupos à margem da sociedade.

Devido ao seu estatuto minoritário e a constrangimentos impostos pelo sistema de produção do jornalismo, é reservada às crianças, frequentemente, uma representação noticiosa restrita a valores-notícia como a morte (vítimas) ou a infração (delinquência), num retrato estereotipado criticado por inúmeros estudos (Marôpo, 2015, p.6).

Ou seja, nas notícias sobre morte que envolvem crianças, ou elas estão no papel de vítimas – em situações de tragédias, guerras, ações policiais, entre outras –, ou ocupam o lugar da “delinquência”, da criança que é violenta, rouba e mata. O caso da princesa, obviamente, não se enquadra em nenhum desses casos. Não se trata de uma criança infratora e nem vítima de violência, mas, mesmo assim, ela está numa posição vulnerável e incomum.

Além disso, algumas das matérias<sup>14</sup> destacaram, na ocasião, o fato de que a princesa foi consolada pela mãe durante o momento de sofrimento – o que é um comportamento natural por parte de uma mãe. Nesse sentido, Oliveira Júnior (2021) reflete sobre o simbolismo da “criança frágil” e analisa seu espaço na constituição familiar. Segundo o autor, a valorização da infância trouxe um novo simbolismo para o “ser criança” e um protagonismo dos infantes dentro das famílias e na sociedade como um todo. Principalmente nas famílias de classe média ou alta, que, justamente, precisam ser protegidas dos infratores – ou dos momentos de tristeza que fazem parte da vida.

Nesse sentido, Furtado e Doretto (2019) provocam mais uma reflexão sobre as formas redutoras pelas quais as crianças são representadas no jornalismo.

Essa forma de representação faz com que a criança não apareça como cidadã plena, que participa da vida social (a não ser como consumidora), mas como uma imagem dicotômica: ou é indivíduo ingênuo e puro, a ser protegido (no caso das crianças de classes mais alta), ou então um sujeito sob a responsabilidade do Estado, porque cometeu crimes (e assim teria perdido até mesmo sua condição idealizada de infante atrelada à inocência), ou porque está em situação de vulnerabilidade (com a sua condição de ‘ser criança’ posta em risco) (Furtado; Doretto, 2019, p. 158).

Refletindo sobre os casos em que a criança é incluída pelo jornalismo justamente por fazer parte de uma família com notoriedade, obviamente sem que isso tenha sido uma escolha, Marôpo e Jorge (2011) questionam: “É possível encontrar um enquadramento público e político das questões da infância que respeite e promova os direitos das crianças no tratamento noticioso sobre os filhos de celebridades?” (Marôpo; Jorge, 2011, p.147).

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros prevê, no seu Art. 6º, inciso VIII, ser dever do jornalista respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão, seja ele quem for. Nem sempre, entretanto, essas orientações são cumpridas.

Em geral, a ascensão da cultura das celebridades e das notícias sobre filhos de celebridades na mídia contemporânea clama por uma maior aplicação das leis que protegem as crianças e dos códigos de ética que regulam a atuação dos jornalistas, além do debate sobre o papel do jornalismo neste tipo de cobertura. O sucesso associado com a celebridade pode mascarar a situação de constrangimento da criança,

---

<sup>14</sup> A Princesa Charlotte chora no funeral da rainha Elizabeth II e é consolada por Kate Middleton. Revista Quem, 19 de setembro de 2022. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2022/09/princesa-charlotte-chora-no-funeral-da- rainha-elizabeth-ii-e-e-consolada-por-kate-middleton.html>. Acesso em: 03 de mar. 2024.



como pode também contribuir para um debate extremamente personalizado e dramatizado de questões que dizem respeito às crianças enquanto grupo social (Marôpo; Jorge, 2011, p.153).

Segundo Santos e Souza (2020), entre os sentimentos mais comuns no processo do luto, que é aquele subsequente à perda, está a tristeza, que normalmente é expressa através do choro, como no caso da jovem princesa. Para Sigmund Freud (1996), considerado o pai da psicanálise, o luto é também um processo lento e doloroso, mas, como destacam Souza e Santos (2020), deve ser vivenciado pelas crianças, podendo até mesmo os infantes participarem, se desejarem, dos ritos de funeral, como ocorreu no caso da princesa Charlotte. No entanto, pela mistura de sentimentos que um momento como esse proporciona, é normal ver a criança triste e confusa, mas isso é parte de um processo, segundo Oliveira e Rodrigues (2021).

Quando a criança perde uma pessoa próxima a ela como pai, mãe, irmão ou irmã, avós, ela fica triste, confusa. E isso também é sentido por seus familiares, que, doloridos, estão sem condições de manter a intensidade de cuidado e atenção que antes eram voltados à ela (Oliveira; Rodrigues, 2021, p. 07).

Ao tratar do luto, o jornalista muitas vezes traz a imagem de choro com o intuito de comover. O choro de alguém nas páginas de um jornal, ou na televisão, também pode gerar um sentimento de identificação. Carlos e Marques (2016) ressaltam esse sentimento em um artigo sobre fotojornalismo esportivo e a cobertura da derrota, tendo como base de seus estudos as fotos de brasileiros após a derrota por 7 a 1 para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014. Quando os jornais impressos e portais de notícias trouxeram imagens do choro após a derrota, os brasileiros que consumiam aquelas notícias se identificavam com o sentimento. Segundo Vincent-Buffault (1988), pela percepção das lágrimas, ocorre uma espécie de compartilhamento de emoções. Para a autora, “a utilização dessa retórica das lágrimas reforça a hipótese desse imaginário da circulação sensível” (Vincent-Buffault, 1988, p.35).

Já Andrade (2013, p.12) analisa a midiaticização de casos semelhantes ao da derrota do Brasil para a Alemanha e o da morte da Rainha Elizabeth explicando que o luto é mais facilmente aceito quando é publicizado e coletivo, “como nos casos de morte de celebridades em que há uma grande divulgação na mídia e as pessoas

expressam o seu pesar publicamente, em especial na internet pelas redes sociais, como forma de homenagem”.

É possível compreender, então, que a combinação dos valores-notícia morte e notoriedade da fonte despertaram o interesse do jornalismo pelo choro da princesa Charlotte no velório de sua bisavó. Além disso, o fato de ela ser uma celebridade a coloca em um lugar de destaque, em que o jornalista, por meio de suas imagens num momento de fragilidade, espera conseguir comover um grande número de pessoas em todo o mundo. Além disso, essas imagens podem causar o sentimento de identificação no leitor que já passou – ou ainda vai passar – por uma situação de luto em sua vida.

Tendo tratado da relação entre o jornalismo e a morte e, em especial, do luto de uma criança célebre, passamos a apresentar, no próximo capítulo, a metodologia escolhida para analisar as notícias e reportagens sobre o choro da princesa Charlotte no velório de sua bisavó: a análise do discurso.

#### 4. METODOLOGIA: ANÁLISE DO DISCURSO

Em sua obra “Análise de Discurso: princípios e procedimentos”, Eni Orlandi (2015) afirma que o discurso faz parte do nosso dia a dia de diferentes formas, até mesmo na comunicação simples. Segundo a autora, as palavras que usamos no nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se construíram e que, no entanto, significam “em nós e para nós” (Orlandi, 2015, p. 19).

Na AD, a comunicação não se trata apenas de uma transmissão de informações que ocorre de forma linear. Para Orlandi, “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (Orlandi, 2015, p.20). A autora destaca que a AD une três diferentes regiões do conhecimento: a psicanálise, a linguística e o marxismo. Trabalhando na confluência dos três, constitui então um novo objeto, que é o que se conhece por discurso.

A autora compreende que a AD não foca apenas no sentido do texto, ou do discurso. No geral, se estende também ao entendimento da produção de sentido que ocorre ao longo do processo comunicativo. Para compreender como ocorre esse processo, é importante voltar aos primórdios da AD, com Michel Pêcheux. Nos anos 1960, o autor era pesquisador da *École Normale Supérieure*, em Paris, e junto aos seus alunos propôs a teoria que conhecemos por Análise de Discurso. A partir dos estudos de Pêcheux, “o objeto de apreciação de estudo deixa de ser a frase, e passa a ser o discurso, uma vez que foge da apreciação palavra por palavra na interpretação como uma sequência fechada em si mesma” (Brasil, 2011, p.172).

É a partir dos estudos de Pêcheux que o sujeito é trazido, em detrimento do homem, para o centro das discussões e análises comunicativas. Para a AD, o sentido de um texto não é claro, transparente, mas sim, opaco, devido a materialidade presente na obra, e é por meio do que se conhece por Formações discursivas (FDs) que se constituem os sentidos, em uma relação direta com os sujeitos.

#### 4.1 INTERDISCURSO E FORMAÇÕES DISCURSIVAS

Segundo definição de Pruinelli (2020), as Formações Discursivas (FDs) dizem respeito ao espaço onde ocorre a constituição dos sentidos. É neste local que os sujeitos, por meio de suas conexões com Formações Ideológicas (FIs), se posicionam. Para a autora, “a FD é moldada a partir de fragmentos do interdiscurso, estabelecendo, por intermédio da atuação ideológica, sua matriz de sentido” (Pruinelli, 2020, p. 115). Já Benetti (2007) entende a FD como uma região de sentidos.

Segundo Orlandi (2015, p.43), lembrando a clássica definição de Pêcheux, uma formação discursiva nada mais é do que “aquilo que em uma formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada – determina o que pode e deve ser dito”. Pêcheux (1995) explica que a formação discursiva é o que, numa conjuntura, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito, em diversas formas de comunicação verbal e não verbal, seja em discursos ou até mesmo propagandas.

Seguindo o pensamento de Pêcheux, em uma FD existem diferentes vozes dissonantes que se relacionam, dialogam, se opõem, já que, para o autor, uma FD é “constitutivamente frequentada por seu outro”, sendo este outro justamente o interdiscurso. (Pêcheux, 1995, p.57). O interdiscurso é, então, essa relação que se estabelece entre discursos e entre FDs.

Para Orlandi (2002), um analista do discurso, para trabalhar a forma material do texto, traz para dentro de sua prática a identificação de paráfrases, consideradas um dos suportes analíticos de base.

Tenho insistido em que, na análise de discurso, a paráfrase (E. Orlandi, 1983) é, ao mesmo tempo, fato de linguagem e procedimento heurístico. É a paráfrase (pensada em relação à configuração das formações discursivas) que está na base da noção de deriva que, por sua vez, se liga ao que é definido como efeito metafórico (M. Pêcheux, 1969): fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, produzindo um deslizamento de sentido (Orlandi, 2002, p. 05).

Na AD, a paráfrase discursiva seria a repetição de sentidos dentro de um texto. Ou seja, não se trata de repetições de palavras ou frases, mas sim de sentidos discursivos. Portanto, uma mesma palavra pode, em um texto, ter sentidos diferentes e duas palavras diferentes podem ter o mesmo sentido. É pela

identificação das paráfrases que o analista consegue descobrir as formações discursivas no texto analisado, pois a repetição de sentidos é o que determina a existência de uma FD. A partir da reflexão sobre esses conceitos básicos da AD, passamos a apresentar o corpus desta pesquisa.

## 4.2 O CORPUS EMPÍRICO

A palavra corpus tem origem latina e no português significa corpo. Nesse sentido, o corpus de uma pesquisa consiste no conjunto de textos e elementos a serem analisados. Nesta pesquisa, o corpus empírico é constituído de notícias veiculadas em cinco portais online brasileiros: Folha de S. Paulo, O Globo, Estadão, revista Quem (do Grupo Globo) e UOL (do Grupo Folha).

A escolha se deu primeiramente devido a relevância dos três jornais no cenário nacional. Segundo o ranking do Instituto Verificador de Comunicação (IVC)<sup>15</sup>, esses três veículos são os de maior circulação digital, segundo os dados mais recentes, relativos ao ano de 2023. A Folha de S. Paulo, líder do ranking, conta com uma circulação digital anual de 755.547 exemplares. O Globo é o segundo com 347.760 e o Estadão o terceiro com um total de 193.353.

A circulação total, que inclui a tiragem média diária do impresso e as assinaturas digitais pagas, tem um ranking que segue com a mesma ordem: Folha em primeiro lugar, com uma circulação de 796.948; seguida do O Globo, com 400.693; e do Estadão, com 249.709.

Foram selecionados também textos de dois portais dos conglomerados d'O Globo e da Folha – bastante acessados – por eles noticiarem mais constantemente fatos relativos à família real britânica. São eles os portais Quem e UOL.

O jornal O Globo foi fundado no ano de 1925, por Irineu Marinho. Faz parte do Grupo Globo, tradicional empresa brasileira que por quase oito décadas foi comandada por Roberto Marinho, falecido em 2003. Nesse sentido, todos os produtos jornalísticos do grupo adotam uma mesma perspectiva sobre o

---

<sup>15</sup> O Instituto Verificador de Comunicação (IVC) Brasil é uma entidade nacional que não possui fins lucrativos e que realiza uma auditoria multiplataforma de mídia. O objetivo do instituto é fornecer dados relacionados à comunicação no país, incluindo tráfego web, em desktops e smartphones, tablets e aplicativos, bem como circulação e eventos, entre outros. O IVC foi fundado em 1961, à princípio como um departamento da Associação Brasileira de Propaganda (ABP), mas em 1965 a entidade ganhou sua personalidade jurídica própria. Fonte: <https://ivcbrasil.org.br/#/institucional>. Acesso em 02 mai. 2024.

jornalismo<sup>16</sup>, tratando-o como um conjunto de atividades que traz à tona um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas. Para o grupo, o jornalismo é o que permite um primeiro conhecimento dos mais diversos fenômenos, sejam eles complexos ou simples. Assim, pode ser visto como uma forma de apreensão da realidade.

A revista Quem é também um produto do Grupo Globo, e é caracterizada por publicar notícias sobre celebridades, tendo, inclusive, uma editoria chamada Realeza. Até o ano de 2017, a revista que começou a circular no ano de 2000 era publicada de forma impressa com frequência semanal, tendo como última edição a 878, que foi publicada no dia 28 de junho do mesmo ano. Desde então, passou a focar a produção de seu conteúdo de forma online. Por isso, justifica-se a sua inserção neste corpus.

Fundada em 1921, a Folha se intitula como um dos maiores e também o mais influente entre os jornais diários nacionais de interesse geral. A sua missão é produzir e organizar conteúdo jornalístico crítico, plural e apartidário<sup>17</sup>, e possui parte de seus conteúdos pagos, sendo necessária uma assinatura para que o usuário possa ler todos os conteúdos sem o Paywall<sup>18</sup>. Fundada pelo empresário Luiz Frias, assim como o Universo Online (UOL) e outras empresas, em 2005, o UOL e a Folha de S. Paulo se fundiram em um mesmo grupo de mídia, o Grupo Folha. Por esse motivo, a composição do corpus deste trabalho também inclui o UOL, que faz parte do conglomerado. Segundo informações divulgadas em seu site, o UOL é o primeiro portal de conteúdo do Brasil, lançado em 1996. Na época, contava com um serviço de bate-papo, edição diária da Folha de S. Paulo, arquivos da Folha, reportagens traduzidas do jornal estadunidense The New York Times, entre os conteúdos disponíveis<sup>19</sup>. De acordo com as informações divulgadas pelo portal de notícias sobre sua audiência, são mais de 7,4 bilhões de páginas suas

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo/>. Acesso em: 02 mai. 2024.

<sup>17</sup> Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o\\_grupo.shtml#:~:text=O%20jornal%20mais%20influyente%20do%20apartidarismo%2C%20jornalismo%20cr%C3%ADtico%20e%20independ%C3%Aancia](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml#:~:text=O%20jornal%20mais%20influyente%20do%20apartidarismo%2C%20jornalismo%20cr%C3%ADtico%20e%20independ%C3%Aancia). Acesso em 02 mai. 2024.

<sup>18</sup> O *paywall* consiste em uma barreira que divide o conteúdo aberto e o conteúdo pago para ser acessado pelos leitores. No jornalismo, diversos veículos utilizam-se do *paywall* para separar quais conteúdos são de acesso geral e quais devem ser pagos para serem lidos por meio de assinaturas.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/>. Acesso em 27 mai. 2024.

vistas pelos leitores mensalmente, além de 114 milhões de visitantes únicos por mês<sup>20</sup>, que encontram o conteúdo aberto no site.

O quinto portal escolhido para compor essa pesquisa é o Estadão, fundado em 1875 e que se denomina como “a maior agência de distribuição de notícias do País que tem como objetivo informar com clareza e isenção”. O Estadão é uma das maiores e mais importantes empresas de informação e comunicação do Brasil, atuando nos segmentos de jornalismo, serviços de informação, divulgação de publicidade e entretenimento<sup>21</sup>. Traz notícias sobre o Brasil e também do exterior, na editoria “Internacional”, justificando o aparecimento de Charlotte no veículo. Em seu site, parte do conteúdo é paga, portanto, para ler na íntegra a versão digital, o usuário precisa assinar o serviço.

A partir da definição desses cinco veículos, foi feita então uma busca por notícias que tivessem como temática o luto da princesa Charlotte durante o velório da Rainha Elizabeth II, que durou quatro dias e se encerrou em 19 de setembro de 2022 – lembrando que a morte de sua bisavó ocorreu no dia 8. Assim, o corpus é composto por todas as matérias publicadas por esses portais entre os dias 19 e 21 de setembro de 2022, pois, assim que a princesa apareceu chorando – no dia 19 –, os veículos jornalísticos repercutiram o fato. A maioria dos textos confirmam a valorização da instantaneidade pelo jornalismo e datam de 19 de setembro de 2022.

Na tabela a seguir (Tabela 1), apresento cada uma das notícias e reportagens que compõem o corpus deste estudo, bem como o veículo onde foram publicados, o autor (no caso das matérias assinadas) e também a data de publicação.

---

<sup>20</sup> Disponível em:

<https://sobreuol.noticias.uol.com.br/#:~:text=O%20UOL%20%C3%A9%20a%20maior,conte%C3%BAdo%2C%20tecnologia%20e%20servi%C3%A7os%20digitais>. Acesso em 27 mai. 2024.

<sup>21</sup> Fonte: <https://bluestudio.estadao.com.br/agencia-de-comunicacao/quem-somos/>. Acesso em 02 mai. 2024.

**Tabela 1:** Corpus empírico da pesquisa.

Texto (T)	Título	Veículo	Autor	Data
T1	Charlotte chora no funeral da rainha: como falar de morte com crianças? <sup>22</sup>	UOL (Grupo Folha)	Rute Pina	19/09/2022
T2	Princesa Charlotte chora durante enterro da bisavó <sup>23</sup>	O Globo	-	Sem data
T3	Princesa Charlotte chora no funeral da rainha Elizabeth II e é consolada por Kate Middleton <sup>24</sup>	Revista Quem (Grupo Globo)	Redação Quem	19/09/2022
T4	Britânicos dão último adeus a Elizabeth 2 <sup>a</sup> , rainha mais duradoura do Reino Unido <sup>25</sup>	Folha de S. Paulo	-	19/09/2022
T5	Funeral da rainha Elizabeth II: veja fotos do dia da cerimônia <sup>26</sup>	Estadão	Redação Estadão	19/09/2022
T6	Ao Vivo: Rainha Elizabeth II é sepultada em Windsor acompanhe homenagens à rainha <sup>27</sup>	Estadão	-	19/09/2022

<sup>22</sup> Disponível em:

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/09/19/george-e-charlotte-no-funeral-da-rainha-como-falar-sobre-morte-com-crianca.html>. Acesso em 04 mai. 2024.

<sup>23</sup> Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/ao-vivo/funeral-da-rainha-elizabeth-ii-acompanhe-cobertura-em-tempo-real.ghtml?postId=fb1527b4-6fa3-43c7-b53a-a8df8e21a57e>. Acesso em 06 mai. 2024

<sup>24</sup> Disponível em:

<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2022/09/princesa-charlotte-chora-no-funeral-da-rainha-elizabeth-ii-e-e-consolada-por-kate-middleton.html>. Acesso em 04 mai. 2024

<sup>25</sup> Disponível em:

<https://aovivo.folha.uol.com.br/mundo/2022/09/08/6196-morre-rainha-elizabeth-2-aos-96-anos-no-reino-unido-acompanhe-ao-vivo.shtml#post419614>. Acesso em 10 mai. 2024.

<sup>26</sup> Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/internacional/funeral-da-rainha-elizabeth-ii-veja-fotos-do-dia-da-cerimonia/?current=19>. Acesso em 11 mai. 2024.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/funeral-rainha-elizabeth-ii/?current=19>. Acesso em: 11 mai. 2024.



T7	Charlotte chora no funeral da rainha Elizabeth II e sugere: Como falar sobre a morte com crianças? <sup>28</sup>	Estadão	Tháise Ramos	21/09/2022
----	--	---------	--------------	------------

Fonte: A autora (2024).

Como apresentado na Tabela 1, quatro dos sete textos trazem o nome da princesa Charlotte já no título. Os outros três títulos tratam de uma forma geral a temática do velório, mas, no texto, trazem informações sobre a princesa.

No caso do T4, apesar de o título não trazer o nome da princesa, a matéria foi estruturada como uma cobertura do estilo “acompanhe ao vivo” sobre o funeral e destacou o fato de a princesa e o seu irmão mais velho, George, serem os membros mais jovens da família real a estarem presentes.

O T5 é um compilado de fotos do funeral, sendo a foto de número 19 da galeria a da princesa chorando. Já o T6, também do Estadão, traz a mesma galeria de imagens do T5. Além disso, apresenta um parágrafo falando sobre o lugar que Charlotte ocupa na linha de sucessão britânica.

No total, foram selecionados três textos do Estadão, dois do Grupo Folha, sendo um da Folha de S. Paulo e um do Uol, e outros dois do Grupo Globo, sendo um do portal O Globo e outro da Revista Quem. Essas matérias, então, formam o corpus do trabalho.

---

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/charlotte-chora-no-funeral-da-rainha-elizabeth-ii-e-sugere-como-falar-sobre-a-morte-com-criancas/>. Acesso em 04 mai. 2024

## 5. ANÁLISE DO DISCURSO: O LUTO DA PRINCESA

Para a realização da análise do discurso desta pesquisa, foram procuradas sequências discursivas (SDs) nos sete textos que fazem parte do corpus empírico deste estudo. As sequências discursivas são trechos dos textos que têm ligação direta com o tema estudado e com o problema de pesquisa. Neste caso, foram identificadas as SDs que indicam como o luto infantil é representado no jornalismo nas notícias e reportagens sobre a princesa Charlotte. O conjunto dessas SDs representa o corpus discursivo desta pesquisa.

É importante destacar que uma SD pode conter diferentes sentidos, já que os sentidos não são imutáveis, o que demonstra a existência de interdiscursos (ou relação entre os discursos). Por isso, utilizamos também o conceito de Incidências Discursivas (ID), que se relacionam diretamente com a ideia de SD. Enquanto a SD é o fragmento do texto em si, as incidências consistem em contar cada vez que os sentidos aparecem nesses trechos identificados. Ou seja, uma mesma SD pode conter mais de uma incidência e, por isso, normalmente encontramos mais IDs do que SDs. No total, foram 49 SDs e 53 IDs identificadas.

Depois de descobertas, as SDs foram agrupadas por sentidos que se repetiam – as paráfrases discursivas. Essa aproximação de sentidos é que resulta na identificação de formações discursivas presentes nesses textos que equivalem à representação do luto infantil construída pelos portais selecionados.

Ao fazer esse movimento de análise, identifiquei quatro regiões de sentidos, ou seja, quatro formações discursivas que indicam como o luto infantil foi representado no corpus discursivo. As quatro FDs identificadas foram: A criança fragilizada ; A criança respeitada; A criança protegida e A criança célebre. A Tabela 2 apresenta as FDs identificadas, os sentidos que as compõem e a quantidade de IDs presente em cada uma delas.

**Tabela 2:** Formações Discursivas e seus sentidos.

<b>Formação Discursiva (FD)</b>	<b>Sentidos</b>	<b>Quantidade de IDs</b>	<b>Frequência dos sentidos</b>
A criança fragilizada	Fragilidade; Vulnerabilidade; Incapacidade de controlar as emoções; Vivência do luto; Expressão de tristeza e emoção; Choro; Questionamentos	19	35,85%
A criança respeitada	Sentimentos da criança levados em conta, Aceitação; A criança como personagem principal; Independência	14	26,41%
A criança protegida	A criança vista como incapaz de tomar decisões; superproteção por parte de adultos	5	9,43%
A criança Célebre	Necessidade de seguir comportamentos estabelecidos; Regramento por fazer parte de uma família real e midiaticizada; A criança vista como parte da notícia; A criança inserida no contexto da informação e notícias por meio das mídias	15	28,30%
Total:		53	100%

Fonte: A autora (2024).

Como pode ser visto na Tabela 1, a maioria dos títulos dos textos jornalísticos selecionados destaca o fato de Charlotte estar fragilizada naquele momento. Quatro dos sete textos fazem referência ao choro da princesa no título, sendo eles o T1, T2, T3 e T7. Na análise, os títulos não entraram no corpus discursivo, embora eles confirmem os achados sobre a preponderância de sentidos que encontramos sobre o luto na infância. Foram considerados os textos em si das notícias e reportagens e as legendas que se referiam à princesa ou ao luto de crianças. Como será visto mais adiante, há uma legenda que se repete em duas notícias, para uma mesma foto, que também se repete. Essa legenda será considerada como duas SDs diferentes. A seguir, apresentamos a análise de cada uma das FDs identificadas.

## 5.1 FD1: A CRIANÇA FRAGILIZADA

A FD1 “A criança fragilizada” foi a mais presente nos textos, com 19 incidências discursivas. Abaixo, estão todas as SDs desta FD, com grifos no seus sentidos nucleares, que indicam as IDs, para esta FD. Com isto, o primeiro dos sentidos que está mais representado no conjunto de textos que faz parte deste corpus é, justamente, de uma criança triste e vulnerável diante da situação da perda da bisavó e do processo de enlutamento.

A princesa Charlotte, filha do príncipe William e princesa de Gales, Kate Middleton, **chorou durante o funeral da bisavó**, a rainha Elizabeth 2ª, nesta segunda-feira (19), em Londres. (T1, SD 01)

A menina de 7 anos **se emocionou no momento em que o caixão da monarca, morta em 8 de setembro, foi colocado dentro do carro** para ser transportado para o Castelo de Windsor, na capela da Igreja de Saint George. (T1, SD 02)

"Para qualquer idade, orientamos a dizer a verdade porque a **criança sente um clima ruim e que algo estranho está acontecendo na família**. Ela precisa entender naquele momento que não tem nada a ver com ela, o que é a morte e que ela não tem culpa, que as pessoas não estão chateadas com ela, até para aliviar a culpa", diz. (T1, SD 03)

"O príncipe Harry, em um documentário, diz que só agora com quase 40 anos está **revendo a experiência de luto da mãe**"<sup>29</sup>, diz. "O luto fica interrompido. É bom falar mesmo que seja algo que só vai ganhar mais sentido lá mais para frente, para que eles possam processar um pouco o que foi a morte daquela pessoa. **Os bisnetos, vendo a cena, talvez não compreendam a dimensão daquilo, mas depois vão ressignificar isso**" (T1, SD 04)

A forma de contar é a mais simples possível, diz a psicóloga. "Ela precisa da palavra concreta 'morreu'. **Não se pode tratar com eufemismos como 'virou estrelinha', 'foi morar com papai do céu' ou 'foi dormir' porque e a criança vai compreender isso de forma real e se questionar, por exemplo, 'por que o meu pai foi morar com papai do céu e não quis mais morar com a gente?'**. Morrer é a melhor palavra para as crianças", diz. (T1, SD 05)

A princesa Charlotte, de 7 anos, **foi fotografada chorando** durante o funeral da bisavó, a rainha Elizabeth II, nesta quinta (T2, SD 06)

A Princesa Charlotte de Gales, de 7 anos de idade, **chorou durante o funeral da avó**, a rainha Elizabeth II (T3, SD 07)

---

<sup>29</sup> O príncipe Harry, tio da Princesa Charlotte, perdeu a sua mãe, a princesa Diana, aos 12 anos de idade, em 1997. Em uma fala na minissérie “Heart of Invictus”, que teve seu primeiro episódio lançado em 2023, o príncipe lembrou o luto que viveu ainda na infância com a morte da mãe, e que só foi realmente entender o que sentia naquele momento quando estava já na vida adulta, aos 28 anos. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2023/08/principe-harry-diz-que-conseguiu-chorar-pela-morte-de-lady-di-apenas-16-anos-depois-entenda.shtml>. Acesso em 13 de jul. 2024.

Recentemente uma imagem correu o mundo e **partiu o coração de muita gente**. No funeral da rainha Elizabeth II, realizado na última segunda-feira, 19, na Abadia de Westminster, na Inglaterra, a filha do príncipe William e Kate Middleton, Charlotte, 7, **foi fotografada chorando** durante a cerimônia. (T7, SD 08)

Diante da situação dentro de casa, **as crianças acabaram se envolvendo diretamente e de forma abrupta com o tema morte e os questionamentos se tornaram inevitáveis** (T7, SD 09)

A pequena, filha do príncipe William e de Kate Middleton, **não segurou as lágrimas** depois de ver o caixão da monarca sendo transferido para o carro funerário em Wellington Arch (T3, SD 10)

Charlotte foi **consolada** pela mãe (T3, SD 11)

A menina **não aguentou a emoção** ao ver o caixão da bisavó sendo colocado dentro do carro e levado para o Castelo de Windsor, onde a monarca foi enterrada. (T7, SD 12)

**Demonstrar tristeza ou chorar não é um problema**, de acordo com Telma. (T7, SD 13)

**A princesa Charlotte, filha do príncipe de Gales, William, e da princesa Catherine (Kate Middleton) foi fotografada chorando** durante o funeral da bisavó, a rainha Elizabeth II, nesta segunda-feira. (T5, SD 14)

A princesa Charlotte **foi fotografada chorando** durante o funeral da bisavó, Elizabeth II<sup>30</sup> (T5, SD 15)

A princesa **Charlotte chora no funeral da avó**, a Rainha Elizabeth II (T3, SD 16)<sup>31</sup>

**A princesa Charlotte chora no funeral da avó**, a Rainha Elizabeth II, e é **consolada pela mãe**, Kate Middleton (T3, SD 17)<sup>32</sup>

**Princesa Charlotte parece chorar durante enterro da bisavó**, a rainha Elizabeth II (T2, SD 18)<sup>33</sup>

Princesa Kate **consola o filho mais velho, o príncipe George, durante funeral da rainha Elizabeth II** na Abadia de Westminster (T2, SD 19)<sup>34</sup>

---

<sup>30</sup> Texto disponível na legenda da foto presente na matéria. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/internacional/funeral-rainha-elizabeth-ii/#EK6F6FMI4JG4VHE4IFNFECJ2OU>. Acesso em 05 ago. 2024.

<sup>31</sup> Texto disponível na legenda da foto presente no t3. Disponível em:

<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2022/09/princesa-charlotte-chora-no-funeral-da-rainha-elizabeth-ii-e-e-consolada-por-kate-middleton.html>. Acesso em 05 ago. 2024.

<sup>32</sup> Texto disponível na legenda da foto presente no t3. Disponível em:

<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2022/09/princesa-charlotte-chora-no-funeral-da-rainha-elizabeth-ii-e-e-consolada-por-kate-middleton.html>. Acesso em 05 ago. 2024.

<sup>33</sup> Texto disponível na legenda da foto presente no T2. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/ao-vivo/funeral-da-rainha-elizabeth-ii-acompanhe-cobertura-em-tempo-real.ghtml?postId=fb1527b4-6fa3-43c7-b53a-a8df8e21a57e>. Acesso em: 05 ago. 2024.

<sup>34</sup> Texto disponível na legenda da foto presente no T2. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/ao-vivo/funeral-da-rainha-elizabeth-ii-acompanhe-cobertura-em-tempo-real.ghtml?postId=fb1527b4-6fa3-43c7-b53a-a8df8e21a57e>. Acesso em: 05 ago. 2024.

Na FD1, é marcante a presença das incidências discursivas que mostram a criança como sendo um sujeito ligado ao sentimento de tristeza. Como resultado da perda de um ente querido, um dos atos comuns das crianças é chorar, o que também fica destacado em boa parte dos textos que utilizam a frase “a princesa chorou”, destacando seu comportamento. No T7, a SD 12 também destaca que “a menina não aguentou a emoção”, como se fosse esperado que a criança não chorasse em uma situação como essa – ainda mais sendo uma princesa. Para Gadret (2016), “as lágrimas e o choro são apenas um dos indicativos da tristeza” (Gadret, 2016, p. 35). No entanto, o choro é um ato tangível para o jornalismo e por isso pode ser comentado, como se as lágrimas fossem um ponto máximo de tristeza para a criança. Nesse mesmo caminho, a SD 13 fala sobre o ato comum da criança em chorar e demonstrar tristeza em situações como essa. Para a psicóloga entrevistada na matéria, Telma Abrahão, isso “não é um problema”, reconhecendo a atitude das crianças e aceitando-a, já deixando o caminho aberto para o interdiscurso com a FD 2, “A Criança respeitada”.

É interessante destacar também que, no T5, há uma galeria de fotos, assim como no T6. Mas, nesses casos, não há tantas referências textuais ao luto da princesa, esse sentido está presente em maior escala nas fotos (Figuras 1 e 2). A imagem, que é a mesma nos dois textos, traz um apelo visual sobre a tristeza de Charlotte. Segundo Gabler (1999), o sensacionalismo no jornalismo é repleto de subjetividade e apelos à percepção do leitor pelos materiais de apelo verbo-visual que aguçam a sua capacidade de perceber a informação. Ao ver uma criança chorando, é muito comum que o ser humano sinta por ela uma empatia natural, e até mesmo uma vontade de proteger, que será analisada mais adiante.

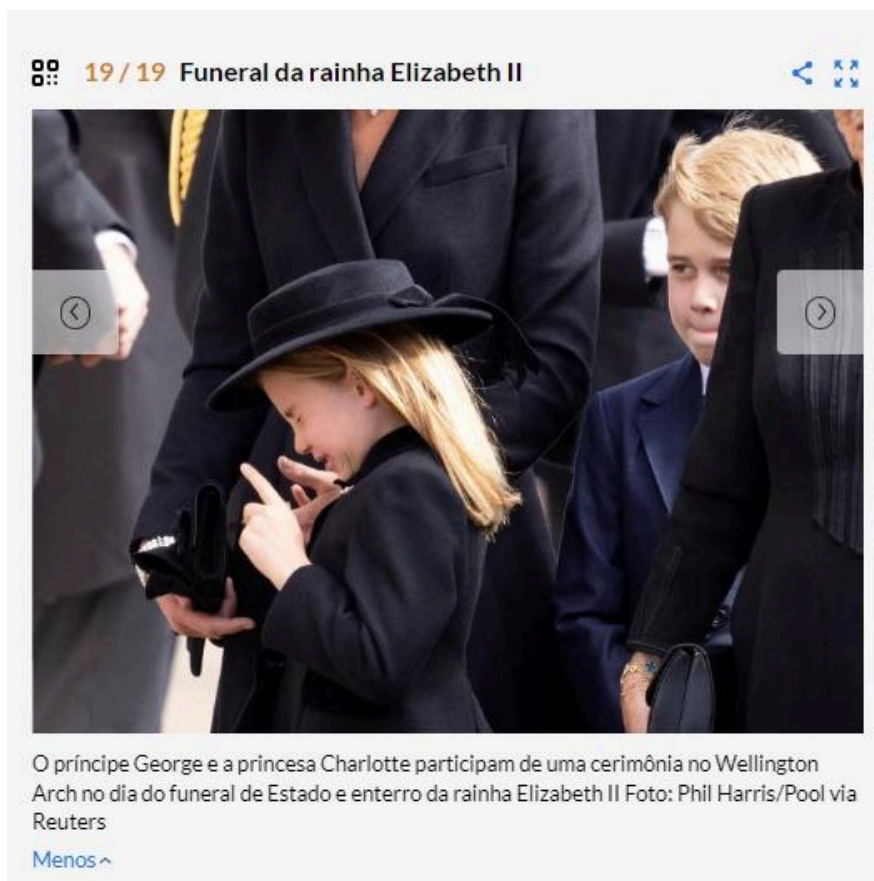
Figura 1: Charlotte chorando no velório da bisavó - T5.



Fonte: Estadão<sup>35</sup>.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/funeral-da-rainha-elizabeth-ii-veja-fotos-do-dia-da-cerimonia/?current=19>. Acesso em: 26 jul. 2024.

Figura 2: Charlotte chorando no velório da bisavó - T6.



Fonte: Estadão<sup>36</sup>.

Nesse sentido, a emoção é um “elemento central para a compreensão das notícias pelos sujeitos, para a definição de atributos por meio do telejornalismo e para a construção de um contrato de leitura que ultrapassa o valor informativo das notícias” (Gadret, 2016a, p. 03). A autora compreende que, muitas vezes, a imagem ultrapassa o texto e é utilizada para gerar ainda mais apelo ao telespectador, que no caso desta pesquisa, pode ser estendido aos textos. Esse apelo também fica presente em sequências como a SD 08, onde a autora do texto, Thaíse Ramos, utiliza-se da expressão “partiu o coração de muita gente” referindo-se à imagem da princesa chorando.

É interessante relacionar a repetição de uma mesma foto em duas notícias com o conceito de paráfrase discursiva utilizada pela AD. Aqui temos uma paráfrase de sentido com uma imagem, que é da representação da criança fragilizada, muito encontrada em outros estudos sobre infância no jornalismo e também a mais

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/funeral-rainha-elizabeth-ii/?current=19>. Acesso em: 26 jul. 2024.



constante nos textos analisados nesta pesquisa. Além disso, a repetição de imagens – normalmente mais comum nos telejornais “populares” – é uma das estratégias de sensacionalismo, que busca simplificar e fixar algum sentido para o público. Amaral (2006, p.20) afirma que “[o] sensacionalismo é o grau mais radical da mercantilização da informação”. Mesmo que os Textos 5 e 6 não preencham todas as características de notícias sensacionalistas, existe aí um deslizamento de sentido em direção a um conteúdo mais apelativo.

É importante destacar, no entanto, que a legenda da foto que é compartilhada entre T5 e T6 (Figuras 1 e 2) é uma SDS que pertence à FD4, com o sentido de mostrar a criança em seu dever real. “O príncipe George e a princesa Charlotte participam de uma cerimônia no Wellington Arch no dia do funeral de Estado e enterro da rainha Elizabeth II”, diz o texto. Chama a atenção o fato de a legenda da imagem clicada pelo fotógrafo Phil Harris da Pool via Reuters, que aparece também em outras notícias, não ter uma legenda descritiva como em outros textos, que a enquadraria na FD1 da Criança Fragilizada. Por outro lado, acrescenta à imagem um outro sentido, que mostra a princesa e seu irmão mais velho como pessoas da realeza em um evento oficial britânico. Este sentido foi nomeado como “A Criança Célebre”, e será analisado ainda ao longo deste capítulo.

No próximo tópico, será apresentada a FD 2 “A Criança Respeitada”, que tem um número significativo de incidências discursivas e apresenta um forte interdiscurso com a FD 1.

## 5.2 FD2: A CRIANÇA RESPEITADA

Furtado, Maia e Garcia (2020) defendem que as crianças formam um grupo de grande importância social. Sendo assim, devem ser tratadas com respeito e igualdade como parte integrante da sociedade. Nesse sentido, ao buscar as representações de crianças enlutadas pelos sites selecionados, encontramos SDs que carregam os sentidos de respeitar as crianças, demonstrar entendimento de seus sentimentos e considerá-las como cidadãs protagonistas de suas vidas. Assim, identificamos a FD “A criança respeitada”, que foi numerada como FD 2.

Essa Formação Discursiva considera os processos vivenciados pelas crianças, bem como sua idade e seu lugar nas famílias e na sociedade. No total,

são 14 incidências discursivas desse sentido encontradas nos textos que fazem parte do corpus desta pesquisa.

A seguir, estão listadas as 11 SDs que formam a FD2, todas pertencentes aos Textos 1 e 7. No total, representam dez incidências no T1 e outras quatro no T7. Essas sequências discursivas ajudam a mostrar para o leitor a importância de um tratamento sensível, com naturalidade e humanidade nos momentos difíceis que a criança passa ao longo de sua vida.

**É importante respeitar a idade e o desenvolvimento da criança porque o entendimento depende de seu amadurecimento, afirma a especialista.** “Para uma criança pequena podemos usar comparações mais lúdicas, como por exemplo, dizer que assim como a semente cresce, vira uma árvore, dá frutos e depois morre, também acontece com o ser humano. Na verdade, os pais podem falar sobre a natureza dos seres vivos em geral, os animais, as plantas, os seres humanos... **Todos nascem, crescem, envelhecem e morrem; é o ciclo natural da vida e isso é lindo de ser percebido**”, diz. (T7, SD 20)

**“O mais importante é o adulto mostrar empatia e explicar que está tudo bem sentir saudade e que também sofre com essa perda.** Os adultos que já possuem um cérebro maduro e maior controle de suas reações, devem ajudar a criança a falar sobre o que sente e a dar nome às suas emoções, para que elas consigam ir assimilando o fato e desenvolvam a compreensão do que sentem. Quando falamos sobre o que sentimos nosso cérebro “racional” tende a compreender melhor nossas emoções”, finaliza. (T7, SD 21)

Listamos algumas condutas para as famílias seguirem ao contar sobre uma doença ou morte de um ente próximo para uma criança. **O cuidado com a linguagem figurada e contextualizar com a cultura da família ao falar sobre a morte são algumas delas.** (T7, SD 22)

A especialista afirma que **cada criança tem uma fase e entendimento do que está acontecendo. Mas é importante falar sobre o tema com todas as faixas etárias** (T1, SD 23)

**“Para qualquer idade, orientamos a dizer a verdade** porque a criança sente um clima ruim e que algo estranho está acontecendo na família. Ela precisa entender naquele momento que não tem nada a ver com ela, o que é a morte e que ela não tem culpa, que as pessoas não estão chateadas com ela, até para aliviar a culpa”, diz. (T1, SD 03)

Ana Lucia recomenda **falar com as crianças o mais breve possível. É possível — e bastante positivo — criar um ambiente seguro para a criança**, mas é importante contar logo o que está acontecendo (T1, SD 24)

A forma de contar é a mais simples possível, diz a psicóloga. **“Ela precisa da palavra concreta 'morreu'.** Não se pode tratar com eufemismos como 'virou estrelinha', 'foi morar com papai do céu' ou 'foi dormir' porque a criança vai compreender isso de forma real e se questionar, por exemplo, 'por que o meu pai foi morar com papai do céu e não quis mais morar com a gente?'. **Morrer é a melhor palavra para as crianças**”, diz. (T1, SD 05).

Depois de contar, você pode perguntar para a criança se ela sabe o significado disso. "**Às vezes ela fala coisas como 'quando o coração para' ou 'quando fecha o olho e nunca mais abre'**". Os adultos podem se valer do que ela pensa e complementar a explicação dizendo como 'o coração para de bater e ela não consegue mais estar viva, ela parece que está como dormindo, mas não acorda mais'." (T1, SD 25).

Depois da notícia, é preciso **contar para a criança quais são os próximos passos** - seja em casos de rituais fúnebres e longos, como o da monarca, ou de velórios mais simples e rápidos. (T1, SD 26)

"**Você pode explicar coisas** como o corpo dela vai colocado numa caixa que se chama caixão e é como se ela vai estar (sic) deitada e é como se ela estivesse dormindo, mas ela não vai acordar, e as pessoas vão se despedir dela", diz. (T1, SD 27)

**É importante ouvir se a criança deseja participar do momento** - mas a especialista recomenda incentivar a participação das crianças nestes momentos. (T1, SD 28)

"Quando eles são mais velhos perguntamos se eles querem ir, mas se eles dizem **não é importante encorajar, perguntar qual é o medo, que é uma forma de se despedir. A decisão é respeitada, porque é um mecanismo de defesa contra alguma angústia que ele acha que vai sentir ali.**" (T1, SD 29)

Em casos de funerais demorados e rituais longos, **é importante respeitar as respostas da criança**. "A sugestão é que elas participem dentro do que elas aguentam participar, nada muito pesado ou longo, respeitando sua idade", diz Ana Lucia. (T1, SD 30)

**Demonstrar tristeza ou chorar não é um problema**, de acordo com Telma. (T7, SD 13)

Nos dois textos, as SDs falam sobre maneiras de lidar com o luto da criança, o que pais e/ou responsáveis podem e devem fazer nesse processo. Entende-se que estes dois textos se diferem dos outros cinco do corpus por apresentarem um conteúdo mais profundo que os demais por serem reportagens e notícias. Por terem um foco em orientar as formas que se pode lidar com o processo de luto da criança, usando o choro da princesa como gancho, esses textos carregam mais sentidos voltados ao respeito da criança enlutada. Por exemplo, no T7, 37,5% das sequências discursivas encontradas o fazem referência justamente à criança em um lugar de respeito. Já no T1, são 52,63%, com 10 SDS em um total de 19 encontradas no texto.

A FD2 também traz à tona o importante debate sobre a independência das crianças, mostrando, como indica o ECA<sup>37</sup>, que elas têm direito à provisão, à

<sup>37</sup> O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é uma legislação brasileira, instituída pela Lei nº 8.069, que data de 13 de julho de 1990, e estabelece direitos e garantias para crianças e

proteção, mas também à participação social.

Buckingham (2009) não considera positivo tratar somente do direito à proteção, pois, dessa forma, as crianças se tornam espécies de “receptoras passivas”. “Devemos questionar-nos a respeito do que as crianças deveriam esperar dos media – os seus direitos, não apenas como futuros membros da sociedade, como futuros cidadãos, mas como membros da sociedade, como cidadãos já no presente” (Buckingham, 2009, p. 16).

Identificar essa FD demonstra que o jornalismo desempenha, nesse caso, a finalidade de mostrar a diversidade da sociedade (Reginato, 2016). Na SD 21, que diz que “o mais importante é o adulto mostrar empatia e explicar que está tudo bem sentir saudade e que também sofre com essa perda”, o texto destaca o valor de ter alguém que possa responder às dúvidas das crianças e estar ao lado delas nesses momentos, mas sem oprimir ou tentar esconder da criança o que está acontecendo. Isso porque as crianças experimentam e vivenciam o luto de uma maneira muito diferente dos adultos, com um processo que pode variar em intensidade e duração. Segundo Ramos (2016), no campo dos estudos da psicologia, até mesmo para os adultos passarem pelo processo de luto é uma atividade complexa, visto que “cada pessoa o vivencia de forma diferente, mediante as culturas, o meio em que está inserida e o próprio contexto da perda também influencia a forma como a pessoa vai encarar o luto” (Ramos, 2016, p.3).

Outra importante percepção sobre essa FD é que as duas reportagens em que ela está presente utilizam fontes especialistas na área da psicologia para tratar do assunto. Como se tratam de reportagens, os jornalistas conseguem se afastar da instantaneidade do acontecimento e se aprofundar numa temática mais ampla. “É a partir da análise de causas, da contextualização e das consequências de um acontecimento que podemos compreender melhor os sentidos nele presentes” (Furtado, 2013, p.151). A próxima FD a ser analisada é a da “Criança Protegida”, na qual se pode perceber as diferenças em relação às FDs 1 e 2.

---

adolescentes brasileiros. O ECA define que as crianças e os adolescentes são sujeitos de direitos, em condição peculiar de desenvolvimento, que demandam proteção integral e prioritária da família, sociedade e Estado. Esta legislação é um marco legal na proteção integral dos direitos da infância e adolescência, ligada à Constituição Federal de 1988.

### 5.3 FD3: A CRIANÇA PROTEGIDA

A formação discursiva nomeada como "A Criança Protegida" também tem presença marcante em alguns dos textos (T1, T4 e T7), e, conforme exposto, nas cinco SDs que fazem parte desta FD, a questão da proteção da criança em situação de luto é perceptível. Sendo assim, a FD relaciona a questão do luto infantil com as estratégias que são adotadas pelos adultos para lidar com esse momento.

Diferentemente da FD2, a FD3 aborda mais o cuidado com o sofrimento da criança e como cuidar para que ela não sofra tanto, bem como carrega sentidos de ocultamento de algumas informações dos infantes.

Diante do luto infantil, **é muito comum existir uma tendência a querer proteger a criança** da dor, como se ela não precisasse viver isso. (T7, SD 31)

"Podemos ainda dizer que o natural é morrermos quando estivermos bem velhinhos e, então, nosso corpo cansado acaba parando de funcionar, mas que sempre levaremos as pessoas que amamos dentro do nosso coração. Falar sobre o que causou a morte da pessoa também é importante, para evitar que a criança fique com algum sentimento de culpa. Se a morte foi consequência de acidentes ou outras causas violentas **evite dar detalhes. Há fatos que não precisam ser informados para a criança, pois ela pode não conseguir assimilar bem**", acrescenta Telma. (T7, SD 32)

Os filhos do príncipe Harry e de sua esposa, Meghan Markle, não compareceram ao evento. O mais velho, Archie, tem três anos, e Lilibeth, um. Em uma entrevista à revista Newsweek em 2017, **Harry afirmou que não gostaria que seus filhos tivessem a mesma experiência que ele ao acompanhar o caixão da mãe, a princesa Diana, no funeral dela, há 25 anos. "Nenhuma criança deveria ser a passar (sic) por isso, sob nenhuma circunstância"**, disse na ocasião. (T4, SD 33)

"Ela precisa de alguém que tenha segurança para dar a notícia. Às vezes, se essa morte abalou muito os pais e são eles quem vão conversar com a criança, eles podem estar muito desorganizados e querem esperar chegar em casa, criar um ambiente propício. Já vi situações em que o hospital chamou os pais na madrugada **para notificar a morte da avó de uma criança, que foi para escola normalmente na manhã seguinte e, quando ela voltou, os pais estavam mais preparados.**" (T1, SD 34)

**Os pais das crianças disseram que "estavam tentando manter algum senso de continuidade para [os filhos] na escola e manter as coisas o mais normal possível"**, mas a presença de George e Charlotte foi sugerida por "conselheiros seniores do palácio" (T1, SD 35)

Nesta FD, há SDs que carregam o sentido de cuidado com a criança enlutada, como é o caso da SD 32, na qual se lê que a criança deve ser privada de detalhes sobre a morte ocorrida. Assim como nas SD 34 e 35, que levam em conta o sofrimento também dos adultos, que, melhor preparados, conseguem proteger de

forma mais adequada às crianças em situações de luto. Entretanto, há também a fala do príncipe Harry que parte de sua própria experiência em uma cerimônia extremamente midiática para definir que os filhos não deveriam participar do velório. Como seus dois filhos são, de fato, muito pequenos, tendo um e três anos, é natural que não participem desse ritual, mas o motivo não deveria ser a experiência do adulto, pois as vivências são individuais também para as crianças.

Foucault (1998) afirma que o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros, podendo ter sua palavra anulada e não acolhida. Doretto e Costa (2012), levando em conta a reflexão do pesquisador, avaliam que o mesmo ocorre ainda com as crianças. “Assim como a fala do louco só teria valor para o médico, durante o tratamento da loucura, a fala da criança só é ouvida pela família e pela escola” (Doretto e Costa, 2012, p. 148). Neste sentido, é importante para o processo de aceitação do luto pela criança que a família aceite seus sentimentos e escute as crianças sobre o assunto. Da mesma forma, é preciso que a sociedade entenda que os infantes fazem parte do mundo que os rodeia.

Dessa forma, a complexidade dessa formação discursiva está justamente no fato de ser preciso identificar um ponto de equilíbrio entre a proteção e a autonomia que deve ser dada para a criança viver seu luto e, conseqüentemente, se preparar para outros desafios que encontrará ao longo da vida. Com o fato de Charlotte ser bisneta da Rainha Elizabeth II e uma das jovens integrantes das novas gerações da família mais importante do Reino Unido, percebemos que alguns sentidos sobre o luto infantil nas matérias analisadas se relacionavam a sua condição de celebridade. A FD4, denominada como “A criança célebre”, é a próxima e também a última FD a ser analisada neste trabalho.

#### 5.4 FD4: A CRIANÇA CÉLEBRE

Depois de identificarmos FDs que diziam respeito à criança fragilizada, respeitada e protegida, também encontramos SDs que relacionavam o luto de Charlotte com o fato de ela pertencer à família real, critério de noticiabilidade importante na construção do discurso jornalístico.

Identificamos 15 IDs que fazem referência ao fato de a princesa ser um membro da família real e, por isso, ter que seguir comportamentos específicos. Para

essa FD com sentidos relacionados à fama da menina e que foi a segunda com maior presença nos textos foi dado o nome de “A Criança Célebre.”

Ela e o irmão, o príncipe George, de 9 anos, **foram os mais jovens membros da realza a acompanhar a cerimônia reservada.** (T1, SD 36)

Os pais das crianças disseram que "estavam tentando manter algum senso de continuidade para [os filhos] na escola e manter as coisas o mais normal possível", mas **a presença de George e Charlotte foi sugerida por "conselheiros seniores do palácio"** (T1, SD 29)

O príncipe George, 9, e a princesa Charlotte, 7, **eram os integrantes mais jovens do cortejo** que acompanhou a entrada do caixão da rainha Elizabeth 2ª na Abadia de Westminster na manhã desta sexta-feira (19), em Londres, **no início do funeral de Estado da soberana.** (T4, SD 37)

Eles são os filhos mais velhos do príncipe William, neto de Elizabeth e futuro herdeiro do trono, e da princesa Kate Middleton — o caçula do casal, Louis, de quatro anos, não compareceu. **Esta foi a primeira vez que bisnetos de um monarca desempenharam uma função oficial em um funeral de Estado.** (T4, SD 38)

De acordo com fontes da imprensa britânica, **a decisão foi tomada pelo Palácio de Buckingham no dia anterior, com o objetivo de mostrar a estabilidade da Coroa.** Com a morte de Elizabeth, **George se tornou o segundo na linha de sucessão.** (T4, SD 39)

As crianças chegaram de carro à abadia, acompanhadas de Kate e da rainha consorte, Camilla, **e se juntaram ao cortejo real quando este chegou à igreja. Depois, ao ocuparem seus lugares para o início da cerimônia, sentaram-se entre os pais, na primeira fila.** (T4, SD 40)

Mas **no caso de mortes públicas, como da rainha Elizabeth 2ª ou mortes que vão ganhar mídia**, como um crime ou acidente, isso não é recomendado. "Muitas vezes a família tenta poupar até o momento de dar notícia, mas **nesse caso a orientação é falar o mais breve possível porque elas vão receber a informação de alguma forma.**" (T1, SD 41)

Na entrada da abadia, os irmãos estavam acompanhados de suas esposas e dos dois filhos mais velhos de William e Catherine, **o príncipe George, de nove anos, e a princesa Charlotte, de sete, que são segundo e terceiro, respectivamente, na linha de sucessão ao avô.** (T6, SD 42)

**Os filhos do príncipe de Gales, William, e Kate Middleton, George e Charlotte foram os integrantes mais jovens da família real britânica a acompanhar o funeral da rainha Elizabeth II.** George, de 9 anos, e Charlotte, de 7, foram acompanhados pela mãe e pela tia, Meghan Markle, durante parte da cerimônia na abadia de Westminster, e acompanharam o cortejo fúnebre pelas ruas de Londres de carro. (T5, SD 43)

**O príncipe George e a princesa Charlotte participam de uma cerimônia no Wellington Arch no dia do funeral de Estado e enterro da rainha Elizabeth II** (T5, SD 44)<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Texto presente na legenda de uma das fotos contidas no T5. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/funeral-rainha-elizabeth-ii/?current=19>. Acesso em: 05 ago. 2024.

**O príncipe George e a princesa Charlotte participam de uma cerimônia no Wellington Arch no dia do funeral de Estado e enterro da rainha Elizabeth II (T6, SD 45)**<sup>39</sup>

**O príncipe George e a princesa Charlotte acompanham a procissão com o caixão de Elizabeth de carro (T5, SD 46)**<sup>40</sup>

**O príncipe George e a princesa Charlotte acompanham a procissão com o caixão de Elizabeth de carro (T6, SD 47)**<sup>41</sup>

A princesa de Gales, Catherine, e Meghan Markle acompanham o **príncipe George e a princesa Charlotte** durante o funeral da rainha em Westminster. (T5, SD 48)<sup>42</sup>

**O príncipe George e a princesa Charlotte caminham entre os pais, o príncipe herdeiro William e a princesa Kate**, em procissão na Abadia de Westminster durante o funeral de Estado da rainha Elizabeth, em Londres (T4, SD 49)<sup>43</sup>

As SDs 38, 39 e 40 são alguns dos exemplos que expressam o sentido da criança célebre. Isso porque Charlotte e George aparecem nos textos justamente pelo fato de serem da realeza. Sua presença é destacada por serem os membros mais jovens da família real britânica participando deste importante evento.

Essa “criança célebre” e comprometida com o lugar que ocupa é utilizada como exemplo de solidificação e união da família real e reforça a imagem de “estabilidade da coroa”, com a reunião dos membros mais jovens aos mais velhos na cerimônia de despedida da longeva monarca.

Segundo Rojek (2008), Charlotte e seus irmãos fazem parte do status de celebridade conferida<sup>44</sup>, ou seja, que tem notabilidade independente da sua escolha, vindo desde berço com a sua família e, por isso, são alvo do interesse dos jornalistas. A princesa faz parte de uma narrativa que atrai interesse e fascínio

<sup>39</sup> Texto presente na legenda de uma das fotos contidas no T6. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/funeral-da-rainha-elizabeth-ii-veja-fotos-do-dia-da-cerimonia/?current=19>. Acesso em: 05 ago. 2024.

<sup>40</sup> Texto presente na legenda de uma das fotos contidas no T5. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/funeral-rainha-elizabeth-ii/?current=19>. Acesso em: 05 ago. 2024.

<sup>41</sup> Texto presente na legenda de uma das fotos contidas no T6. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/funeral-da-rainha-elizabeth-ii-veja-fotos-do-dia-da-cerimonia/?current=19>. Acesso em: 05 ago. 2024.

<sup>42</sup> Legenda de uma das fotos do T5. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/funeral-rainha-elizabeth-ii/?current=19>. Acesso em: 05 ago. 2024.

<sup>43</sup> Legenda de uma das fotos do T4. Disponível em: <https://aovivo.folha.uol.com.br/mundo/2022/09/08/6196-morre-rainha-elizabeth-2-aos-96-anos-no-reino-unido-acompanhe-ao-vivo.shtml#post419614>. Acesso em: 05 ago. 2024.

<sup>44</sup> Rojek (2008) define três status de celebridade no total. Além da conferida, que é o caso de Charlotte e que tem relação com sua linhagem e família, existe a celebridade adquirida e atribuída.



público, devido ao simbolismo de fazer parte da família real. Pessoas de todo o mundo se interessam em saber o que acontece com a família real. Além disso, a realeza britânica representa valores, tradições e uma imagem cultural do Reino Unido. Por isso, a presença das crianças nos rituais fúnebres é sugerida por conselheiros, mesmo que, aparentemente, nem os pais faziam questão que isso acontecesse.

Levando em consideração o pensamento de Goffman (2006), essa decisão da participação dos bisnetos da rainha em seu velório, seria uma tentativa de manter a “fachada”, ou o desempenho regular que é esperado deles em uma situação em que o público espera determinada representação. “Assim, quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade (...)” (Goffman, 2006, p.41).

Mesmo sendo uma criança, Charlotte já incorporou o comportamento e os valores que precisa passar para o público, pois ela já faz parte desse “cenário” (Goffman, 2006) de realeza desde o seu nascimento. Seu choro, portanto, representou a quebra de uma expectativa por parte do público, o que despertou a atenção dos jornalistas para a publicação de notícias sobre o fato em si e de reportagens sobre o luto infantil. Esta FD portanto, traz uma representação específica para o luto de crianças famosas. Foi o fato de Charlotte ter notoriedade que provocou a publicação das notícias sobre seu choro. A morte e o luto de crianças é, no entanto, muito mais noticiada em acontecimentos que envolvem crianças à margem da sociedade. Portanto as FDs 1, 2 e 3 – a criança fragilizada, a criança respeitada e a criança protegida – tendem a ser, de acordo com grande parte dos estudos contemporâneos sobre jornalismo e infância, mais presentes nas representações em geral que o jornalismo faz da criança. Já a FD 4 traz uma representação específica do enlutamento de meninos e meninas famosos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infância sempre me despertou interesse. Realizando este trabalho, sinto que não apenas entendi mais sobre a relação das crianças com o jornalismo como revisei minha própria criança interior diversas vezes. Lembro de estar no velório da minha bisavó – como a princesa Charlotte –, quando tinha por volta dos cinco anos, e perguntar para meu pai, sem ter a dimensão do ocorrido: “Por que todo mundo está chorando?”. Hoje, sei que esse era um questionamento normal e que essa curiosidade é usual quando uma criança enfrenta o desconhecido. Esse é apenas um exemplo das tantas vezes que revisei a mim mesma neste processo que foi tão engrandecedor e agora chega ao fim trazendo a certeza de que esse é um pertinente debate no campo do jornalismo.

Por meio da Análise do Discurso, identifiquei os sentidos discursivos mais presentes nos textos que fazem parte do corpus empírico desta pesquisa. Esses sentidos fazem parte de quatro FDs que encontrei nesses textos: A Criança Fragilizada, A Criança Respeitada, A Criança Protegida e A Criança Célebre.

Percebi que essas FDs não são estanques e que existe um interdiscurso entre elas. Tanto que algumas SDs faziam parte de mais de uma FD. Mas, entre as quatro FDs, a mais presente foi a FD1, da criança fragilizada. Adiciono à isso o fato de diversos títulos das matérias jornalísticas analisadas terem relatado o choro da princesa e de suas fotos chorando terem aparecido em diversos veículos on-line, impressos e também televisivos – e especialmente nas publicações aqui analisadas.

Um dos fatos que mais chamou minha atenção na construção do que se tornou o corpus desta pesquisa, presente na Análise, é que, por mais que os veículos escolhidos fossem diferentes, os textos tinham muitas similaridades. Mais da metade deles (quatro de um total de sete), como visto anteriormente, cita o choro da princesa já no título. Por mais que sejam jornalistas diferentes que redigiram as matérias, dos mais diversos locais do Brasil, a forma de construir a notícia foi muito parecida e partiu da cena inicial da princesa chorando.

Analisar esses textos também me trouxe novos entendimentos sobre as formas de construção do jornalismo contemporâneo. Com exceção dos textos 1 e 7, fica evidente o fato de os textos serem curtos e superficiais sobre o que estava ocorrendo com a princesa. Além disso, a presença de fotos nessas matérias mostra uma tendência ao sensacionalismo.

A representação da criança frágil é comum nos achados de pesquisas de Marôpo (2008; 2015), Furtado (2013; 2018; 2020), Doretto (2012; 2018; 2019), Ponte (2005), entre outros. A forte presença do sentido discursivo da criança respeitada, no entanto, traz à tona outra característica da cobertura do luto infantil: os jornalistas também cumprem importantes finalidades do jornalismo quando tratam do tema do luto infantil. Nos textos 1 e 7 – que são reportagens e, por isso, mais aprofundados –, os autores dão dicas de como a criança pode lidar com o luto e mostram a importância de respeitar os sentimentos e o processo de luto da criança. Esse conteúdo jornalístico pode ser usado pelas famílias e ainda transformar realidades. Nesse sentido, pode-se dizer, que de certa forma, esclarecem o cidadão e apresentam a pluralidade da sociedade, além de interpretar e analisar a realidade e mobilizar as pessoas, finalidades jornalísticas definidas por Reginato (2016).

Com essas reflexões, é possível responder ao problema de pesquisa do presente trabalho: Como o luto infantil é representado em alguns dos sites jornalísticos mais acessados no Brasil com base em notícias sobre a princesa Charlotte durante o funeral da Rainha Elizabeth II?

Nas representações do luto infantil por meio das notícias sobre Charlotte, o Grupo Folha, nos seus dois textos jornalísticos selecionados, teve como sentido discursivo predominante “A criança respeitada”, com 10 incidências discursivas. Logo em seguida, nesses veículos, estão as representações da “Criança célebre”, com oito IDs. Por fim, também é destaque “A criança fragilizada”, com cinco IDs.

Já no Estadão, o luto infantil foi representado predominantemente pelo sentido da “Criança Célebre”, em primeiro lugar, e da “Criança Fragilizada”, que fica logo atrás. Isso porque em um dos textos do veículo (T7) é muito forte a presença de incidências que falam sobre o sofrimento da criança, trazendo reflexões sobre a criança em luto. Por outro lado, os outros dois textos do veículo possuem uma galeria de imagens com a presença de uma mesma foto da princesa chorando em destaque, passando o sentido de fragilidade na própria imagem. Entretanto, nas legendas, é destacado o fato de a menina ser integrante da família real, compondo a notícia.

Por fim, o Grupo Globo representou a criança somente como fragilizada em seus textos, sem a presença de sequências que tratassem da criança respeitada, protegida e célebre. Apenas destacou a fragilidade e o choro da princesa no momento de luto.

Sendo assim, a partir da análise dos sete textos, nota-se que o luto infantil fica expresso principalmente com o sentido de fragilidade da criança na maioria dos textos analisados, sendo forte sua presença principalmente nos textos de dois grupos jornalísticos: Grupo Globo e Estadão. Já na Folha também tem a presença do sentido de fragilidade, mas ela utilizou seu espaço como um “serviço” ao público sobre o assunto, explicando aos adultos formas de melhor lidar com o sentimento das crianças nas situações de perda de um ente querido. Os veículos da Folha foram os que mais tiveram sequências relacionadas ao respeito. Vale destacar ainda a forte presença da Criança Célebre na Folha e Estadão, sendo neste último, a FD mais presente.

Em relação aos objetivos específicos do trabalho, considero ter alcançado a todos. O objetivo de *“Relacionar os conceitos de Jornalismo e Infância”* foi cumprido, principalmente, no Capítulo 2, a partir do estabelecimento de relações entre os dois conceitos. Foram utilizados para a elaboração desse capítulo noções de pesquisadores sobre as relações dos infantes com o jornalismo, desde autores internacionais, como Àries (2006) e Buckingham (2007), até referenciais nacionais, como Furtado (2013; 2018; 2020) e Doretto (2012; 2018; 2019).

Já o objetivo *“Identificar os valores-notícia relacionados ao evento”* foi cumprido no Capítulo 3, trazendo reflexões principalmente de Nelson Traquina (2005), que define os valores-notícia do jornalismo. No caso desta pesquisa, a máxima de Traquina de que “a morte é sempre notícia” guiou boa parte das reflexões, assim como os pensamentos do autor sobre a relação do jornalismo com as celebridades.

O terceiro e último objetivo específico, *“Identificar as formações discursivas nos textos jornalísticos sobre a princesa Charlotte no funeral da sua bisavó, selecionados como parte do corpus empírico da pesquisa”* foi cumprido durante a Análise do Discurso, no Capítulo 5. Retomando, são elas: “A Criança Fragilizada”; “A Criança Respeitada”; “A Criança Protegida”; e “A Criança Célebre.”

Ao cumprir este objetivo, pude perceber a complexidade de realizar uma Análise do Discurso. Isso porque, conforme afirma Pêcheux (1990), as regiões de sentido são mutáveis e se entrelaçam. Sendo assim, como já dito, uma mesma Sequência Discursiva (SD) pode conter mais de um sentido e pertencer a diferentes FDS, algo que foi confirmado ao longo da análise.

Reforçando, as FDs mais presentes na totalidade dos textos foram “A

Criança Fragilizada”, com 19 IDs, seguida pela “A Criança Célebre”, com 15, e “A Criança Respeitada”, com 14. Confesso que a descoberta de uma FD com o sentido de respeito à criança – e com muitas incidências – me surpreendeu. Essa forte presença não era algo que eu esperava encontrar ao longo da pesquisa. Como as fotos da princesa chorando circularam pelo mundo rapidamente, não se respeitou, nesses casos, a privacidade da menina, tanto que a FD da Criança Protegida foi a que menos apareceu. Mas o jornalismo também demonstrou respeitar a princesa e seu luto.

Além disso, após sucessivas leituras do corpus empírico, tive outra descoberta importante. Entendi que “A Criança Fragilizada” e “A Criança Respeitada” podem ser entendidas como representações com sentidos complementares. Isso ocorre justamente porque essa criança fragilizada também precisa ser respeitada, precisa ter seu luto compreendido e entendido tanto pelos familiares quanto pelo jornalismo. É importante notar, entretanto, que a grande maioria das SDs com o sentido de respeito são de um único texto, construído a partir de um aprofundamento psicológico que os demais, com exceção do T1, não possuem.

A partir dessa observação, foi possível perceber também a importância das fontes para o jornalismo, já que, se a psicóloga entrevistada não estivesse presente na matéria, não haveria tantas sequências relacionadas ao respeito pelos infantes, já que o texto seria menos aprofundado e extenso. Segundo Duarte (2005), o uso de entrevistas é justamente o que permite em um texto identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos. Sendo assim, aliar a psicologia ao jornalismo trouxe mais uma dimensão ao texto.

Sobre a presença significativa da criança célebre, Traquina (2005) diz que o valor-notícia das celebridades tem uma forte ligação com a curiosidade do público sobre a vida privada das figuras públicas. Sendo assim, o interesse é alimentado pela mídia, que explora as imagens das celebridades para atrair audiência. Nesse sentido, a imagem de Charlotte chorando não só toca pela fragilidade apresentada, mas por ser de uma celebridade – ainda mais quando ela não corresponde à representação que o público espera desse sujeito. Por esse interesse do público pelo assunto, compreendi a forte presença das incidências.

Por fim, creio que este trabalho deixa possibilidades em aberto para novas pesquisas tanto sobre a princesa Charlotte, temática pouco encontrada durante a construção do estado da arte desta pesquisa, quanto sobre o luto infantil a partir de

outros acontecimentos e com um olhar da comunicação. Espero ter deixado aberta uma porta para que haja ainda mais pesquisas sobre o jornalismo, infância, luto e sobre a família real.

## REFERÊNCIAS

Amaral, Márcia. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANDRADE, Marcela Lança de. **Depois do temporal**: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-12022014-084235/publico/Dissertacao\\_resumida.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-12022014-084235/publico/Dissertacao_resumida.pdf). Acesso em: 28 abr. 2024.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família** 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BENETTI, Marcia. "Análise do Discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos". In: LAGO, Claudia, BENETTI, Marcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 107-122.

BOWLBY, John. **Apego e perda: perda, tristeza e depressão**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL, Lúcia Leão. MICHEL PÊCHEUX E A TEORIA DA ANÁLISE DE DISCURSO: DESDOBRAMENTOS IMPORTANTES PARA A COMPREENSÃO DE UMA TIPOLOGIA DISCURSIVA DOI: 10.5216/lep.v15i1.25149. Linguagem: Estudos e Pesquisas, Goiânia, v. 15, n. 1, jan/jun 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/lep/article/view/32465>. Acesso em: 23 jun. 2024.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BUITONI, D. Da seca ao guia de consumo: a representação de crianças na imprensa brasileira. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 2. n. 2, 2013.

CARLOS, Neide Maria; MARQUES, José Carlos. **Fotojornalismo esportivo e a cobertura da derrota**: uma análise das imagens do choro em quatro jornais brasileiros após o Brasil 1 x 7 Alemanha na Copa do Mundo de 2014. Discursos fotográficos, Londrina, v.12, n.20, p.38-62, jan./jul. 2016. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/26109/pdf>. Acesso em 15 abr. 2024.

CHIAVENATO, Júlio José. **A morte**: uma abordagem sociocultural. Moderna, São Paulo, 1998.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DORETTO, Juliana; COSTA, Renata. O mundo da infância e a infância no mundo: vozes de crianças nas revistas brasileiras Veja e Época. **RuMoRes**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 146-169, 2012.

DORETTO, Juliana; FURTADO, Thaís. A “invasão” das crianças no discurso jornalístico: a representação não desejada da infância. **E-Compós**, 21(2), 2018. <https://doi.org/10.30962/ec.147>.. Acesso em 08 abr. 2024.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In Duarte, Jorge, Barros, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

EBERLIN, Fernando Büscher von Teschenhausen. Sharenting, liberdade de expressão e privacidade de crianças no ambiente digital: o papel dos provedores de aplicação no cenário jurídico brasileiro. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, v. 7, nº 3, 2017, p. 255-273. Disponível em: . Acesso em: 06 de mar. 2024.

FURTADO, Thaís; DORETTO, Juliana. O “menino negro” da foto: a produção de sentidos nos comentários dos leitores do El País. **Brazilian Journalism Research**, v. 15, n. 1, p.152-179, abr. 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/195747>. Acesso em: 12 mar. 2024.

FURTADO, Thaís; GARCIA, Sophia; BRESSAN, Valentina. A inclusão e a exclusão da voz das crianças na revista Veja. **SBPJor**, [S. l.], p. 1-17, 3 nov. 2020.

FURTADO, Thaís. O aprofundamento como caminho da reportagem de revista. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 149-160.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estud. psicol. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812007000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100013&lng=pt&nrm=iso). acessos em 31 jan. 2024.

GABLER, N. **Vida, o filme**: como o entretenimento conquistou a realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GADRET, Débora Thayane de Oliveira Lapa. **A Emoção na Reportagem de Televisão**: As qualidades estéticas e a organização do enquadramento. Porto Alegre, 2016.

GADRET, Débora Thayane de Oliveira Lapa. A emoção no jornalismo e a organização do enquadramento. **SBPJor**, [S. l.], p. 1-16, nov. 2016. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/81169920/184-libre.pdf?1645458023=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA\\_emocao\\_no\\_jornalismo\\_e\\_a\\_organizacao\\_d.pdf&Expires=1722090543&Signature=bYfVnHZrXAVXGH18p59jMZVDgTR3afa0UR3nyeMBvJ~zDvyXQDrixgw\\_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/81169920/184-libre.pdf?1645458023=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DA_emocao_no_jornalismo_e_a_organizacao_d.pdf&Expires=1722090543&Signature=bYfVnHZrXAVXGH18p59jMZVDgTR3afa0UR3nyeMBvJ~zDvyXQDrixgw_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 22 de jul. 2024.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1996. 7ª Edição.



GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis: los marcos de la experiencia**. Madri: Siglo XXI, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HALL, Stuart; CRITCHER, Chas; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Brian. **Policing the crisis: mugging, the State, and Law and Order**. The Macmillan Press LTD: London, 1978.

HANGAI, Luis Antonio. A Framing Analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em comunicação. **Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura.**, [S.l.], out. 2012. ISSN 2238-0701. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/28658>. Acesso em: 12 abr. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/am.v1i3.28658>.

IYENGAR, Shanto. **Is anyone responsible? How television frames political issues**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

OLIVEIRA, Suellen Dayanne Limberger De; RODRIGUES, Fábio da Sul. Luto infantil: como a escola lida com essa situação?. **Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)**, v. 5, n. 1, 9 out. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/14358/9718>. Acesso em: 25 abr. 2024.

LUSTIG, Andréa Lemes, et al. Criança e infância: Contexto histórico social. **IV Seminário de grupos de pesquisa sobre crianças e infâncias: Ética e diversidade na pesquisa**. Goiânia: CEGRAF, 2014. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/693/o/TR18.1.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2024

MARINHO, Raphael. As fontes no jornalismo: o papel na defesa dos direitos da criança e do adolescente e jornalismo público. *In: VI Conferência Nacional de Mídia Cidadã e I Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã*, 2010, Pato Branco-PR.

MARÔPO, Lídia; JORGE, Ana. At the heart of celebrity: celebrities' children and their rights in the media. **Communication & Society**. 27(4). 2014. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/37908/1/20141027114919.pdf>. Acesso em 17 abr. 2024.

MARÔPO, Lídia. Crianças como fonte de informação: um desafio de inclusão para o jornalismo. **Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 14, n. 2, p. 5-17, jul. 2015.

MARÔPO, Lídia. Direito das Crianças em Notícia: A Responsabilidade dos Jornalistas Uma análise Comparada Brasil-Portugal. *In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Natal, 2 a 6 set de 2008. Disponível em: [https://www.academia.edu/8189115/Direito\\_das\\_Crian%C3%A7as\\_em\\_Not%C3%A1cia\\_A\\_Responsabilidade\\_dos\\_Jornalistas\\_Uma\\_An%C3%A1lise\\_Comparada\\_Brasil\\_Portugal](https://www.academia.edu/8189115/Direito_das_Crian%C3%A7as_em_Not%C3%A1cia_A_Responsabilidade_dos_Jornalistas_Uma_An%C3%A1lise_Comparada_Brasil_Portugal). Acesso em 17 abr. 2024.

MARSHALL, David. *Celebrity and power: fame in contemporary culture*. Minneapolis, London: **University of Minnesota Press**, 1997.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wagner Tadeu de. Publicidade como entretenimento infantil, mídias sociais e Sharenting. **Revista Alabastro**, v. 1, n. 14, p. 28-37, 2021.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. 98 p.

ORLANDI, Eni. A Análise de Discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, SP, n. 42. jan./jun. 2002. Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/1SEAD/Conferencias/EniOrlandi.pdf>. Acesso em 11 de jul. 2024.

PAGNI, Pedro Ângelo. Infância, Arte de Governo Pedagógica e Cuidado de Si. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 35, n. 3, 2010. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13087>. Acesso em: 13 mar. 2024.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PEDRO, Ana. *et al.* A vivência da morte na criança e o luto na infância. *Psicologia. pt: O portal dos psicólogos*, Portugal, mai. 2011. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0226.pdf>. Acesso em: 01 de mar. 2024.

PEUCER, Tobias. Os Relatos jornalísticos. Tradução de Paulo da Rocha Dias. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v.1, n.2, 2004. p. 31-46.

PONTE, Cristina. (2005), **Crianças em notícia**. A construção da infância pelo discurso jornalístico (1970-2000), Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 2011.

PRUINELLI, Andréia. Formação Discursiva. In: Leandro Ferreira, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**. São Paulo: Pontes, 2020. [p. 115 a 119] .

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. **O processo de Luto**. *Psicologia. pt. Consult*, v. 30, 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2024.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do Jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores**. Porto Alegre, 2016.

ROJEK, Chris. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROTHBERG, D. (2014). **Enquadramentos midiáticos e sua influência sobre a consolidação de direitos de crianças e adolescentes**. Opinião Pública, 20(3), 407-424.

SANTOS, Franciele Rodrigues dos; SOUZA, Luana Lorrane Marques de. **Influências do luto no processo de aprendizagem**. Faculdade de Educação de Erechim, 2020, p. 1-20. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/jspui/handle/aee/17349>. Acesso em: 23 abr. 2024

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade**. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Asa Editores, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**. In Cad. Educ. FaE/UFPel, Pelotas (21): 51 - 69, jul./dez. 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/6119-Texto%20do%20artigo-11435-1-10-20230411.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2024.

SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel (1997). “As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo”, in M. Pinto e M. J. Sarmento (Coord.). **As crianças: Contextos e identidades**. (9-30). Braga. Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.

SCHUDSON, Michael. Descobrimo a notícia. Uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis. **Vozes**. 2010.

SCLIAR, Moacyr. **Um país chamado infância**. São Paulo: Ática, 1995.

SIMÕES, Darcilia M. P. **Iconicidade verbal: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

TRAQUINA, Nelson. O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo, RS: **Editores Unisinos**, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Por que as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VIANA, Arthur Walber; MORIGI, Valdir José. Por um jornalismo humanizado: o silêncio sobre as mortes das mulheres e dos homens “infames” em Zero Hora. **P2P E INOVAÇÃO**, Rio de Janeiro, RJ, v. 4, n. 2, p. 53–69, 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/4203>. Acesso em: 24 abr. 2024.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **História das lágrimas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 8.ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

YAMAURA, Luciana Parisi Martins; VERONEZ, Fulvia de Souza. Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção. **Psicol. hosp. (São Paulo)**,

São Paulo , v. 14, n. 1, p. 78-93, jan. 2016. Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-7409201600010005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-7409201600010005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 12 mar. 2024.